

# Índice

Lista de abreviaturas .....	6
1. Introdução .....	7
1.1. Bio-região.....	7
1.2. IN.N.E.R. - Rede Internacional de Bio-Regiões .....	9
2. Diagnóstico do Setor Agroalimentar no Tâmega e Sousa .....	11
2.1. Evolução Agrícola nas últimas duas décadas (produção convencional e produção biológica) .....	12
2.1.1. Número de Explorações .....	13
2.1.2. Dimensão.....	14
2.1.3. Operadores de Produção Biológica .....	17
2.1.4. Máquinas agrícolas .....	18
2.1.5. Natureza Jurídica do Produtor e Formas de Exploração .....	19
2.1.6. Superfície Agrícola Utilizada.....	22
2.1.7. Superfície Regada .....	27
2.1.8. Efetivo Animal.....	31
2.1.9. Explorações com Atividades não Agrícolas e Valor da Produção Padrão Total .....	32
2.1.10. Culturas produzidas (cultura, produção, superfície ocupada) .....	35
2.2. Estrutura Demográfica, Mercado de Trabalho e Qualificações .....	38
2.2.1. Estrutura demográfica .....	38
2.2.2. Emprego por setor de atividade .....	40
2.2.3. Características do Emprego Agrícola.....	42
2.3. Dinâmicas Económicas na Indústria Agroalimentar .....	44

2.3.1. Caracterização da Indústria Agroalimentar.....	44
2.3.2. Evolução da Indústria Agroalimentar .....	50
2.4. Ativos Naturais da Região.....	54
2.4.1 Serras .....	54
2.4.2 Zonas de Intervenção florestal .....	54
2.4.3 Zonas Protegidas (Rede natura 2000) .....	56
3. Análise SWOT da Bio-região do Tâmega e Sousa .....	57
4. Missão, Visão e Valores da Bio-região do Tâmega e Sousa .....	61
5. Stakeholders a envolver na Bio-região do Tâmega e Sousa.....	63
5.1. Grupos de Trabalho e Objetivos .....	63
5.1.1. Turismo .....	63
5.1.2. Agricultura .....	64
5.1.3. Agroalimentar.....	65
5.1.4. Poder Local .....	66
5.1.5. Alimentação Saudável .....	66
5.1.6. Ambiente e Biodiversidade .....	67
5.1.7. Economia Social.....	68
5.1.8. Sociedade Civil .....	69
5.1.9. Comissão Oficial de Promoção da Bio-região do Tâmega e Sousa .....	70
6. Estratégia da Bio-região do Tâmega e Sousa .....	71
7. Objetivos (SMART) da Bio-região do Tâmega e Sousa .....	73
8. Plano de Ação 2024 – 2029 (atividades, metas SMART e cronograma) da Bio-região do Tâmega e Sousa .....	75
8.1. Metas a alcançar com a implementação do Plano de Ação 2025-2029 .....	82
9. Modelo de Governação da Bio-região do Tâmega e Sousa .....	83
9.1. Estrutura de Coordenação e Gestão .....	83

9.1.1 Conselho de Parceiros .....	83
9.1.2 Comissão Executiva .....	83
9.1.3. Conselho Consultivo .....	84
9.1.4. Grupos de Trabalho Temáticos .....	84
9.2. Princípios de Governação .....	84
9.3. Monitorização e Avaliação do Modelo de Governação .....	85
10. Conclusão.....	86

# Índice de Figuras

Figura 1 - Número de explorações por dimensão .....	15
Figura 2 - Estrutura etária da população residente do Norte entre 1991 e 2021 (valores em % do total) .....	39
Figura 3 - Idade média da mão-de-obra familiar.....	43
Figura 4 - Mão-de-obra agrícola não familiar permanente (Nº) por grupo etário .....	43
Figura 5 - Mapa hipsométrico da região do Tâmega e Sousa .....	54
Figura 6 - Zonas de intervenção florestal, baldios e áreas integradas de gestão da paisagem na região do Tâmega e Sousa .....	55
Figura 7 - Sítios de Importância Comunitária na região do Tâmega e Sousa.....	56

# Índice de Tabelas

Tabela 1 - Número de explorações total e em modo de produção biológica .....	14
Tabela 2 - Número de explorações agrícolas por tipo de cultura e classes de área .....	16
Tabela 3 - Número de operadores de Produção Biológica por área de atuação .....	18
Tabela 4 - Explorações agrícolas com máquinas agrícolas .....	18
Tabela 5 - Número de explorações por natureza jurídica do produtor .....	20
Tabela 6 - Volume de trabalho da mão-de-obra agrícola (UTA) por tipo de mão-de-obra .....	20
Tabela 7 - Número de explorações por forma de exploração.....	21
Tabela 8 - Superfície agrícola utilizada (ha) por tipo de cultura .....	22
Tabela 9 - Superfície agrícola utilizada (ha) por composição .....	25
Tabela 10 - Superfície regada (ha) das explorações agrícolas por método de rega e por cultura.....	29
Tabela 11 - Efetivo animal das explorações agrícolas por espécie .....	32
Tabela 12 - Número de explorações agrícolas com atividades lucrativas não agrícolas por tipo de atividade .....	34
Tabela 13 - Valor da produção padrão total (€) das explorações agrícolas .....	35
Tabela 14 - Culturas permanentes .....	36

Tabela 15 - Culturas temporárias .....	37
Tabela 16 - População empregada por setor de atividade económica, em 2021.....	41
Tabela 17 – Número de empresas, Valor Acrescentado Bruto, Volume de Negócios e Pessoal ao serviço remunerado da indústria agroalimentar, em 2023 .....	46
Tabela 18 - Ações, Cronograma e Resultados Esperados .....	78

## **Lista de abreviaturas**

DOC - Denominação de Origem Controlada

DOP - Denominação de Origem Protegida

HA - Hectare

IGP - Indicação Geográfica Protegida

INE – Instituto Nacional de Estatística

IN.N.E.R. - Rede Internacional das Bio-Regiões

MPB - Modo de Produção Biológico

PAC – Política Agrícola Comum

SAU – Superfície Agrícola Utilizada

VPPT - Valor da Produção Padrão Total

# 1. Introdução

A sub-região do Tâmega e Sousa apresenta um setor agroalimentar de grande relevância económica e sociocultural, com uma forte tradição agrícola e uma diversidade de produtos endógenos de elevada qualidade. A riqueza natural e paisagística, aliada à presença de certificações de origem, como DOP e IGP, reforça o potencial do território para a valorização da produção sustentável e a transição para um modelo agrícola mais resiliente e inovador.

Neste contexto, este documento tem como principal objetivo realizar um diagnóstico detalhado do setor agroalimentar da região, identificando as suas principais forças, desafios e oportunidades. A partir desta análise, será delineado um Plano Estratégico para o desenvolvimento da Bio-região do Tâmega e Sousa, promovendo a agricultura biológica, a economia circular e o desenvolvimento sustentável do território.

A adoção de práticas agroecológicas e a integração da produção agrícola com setores complementares, como o turismo sustentável e a gastronomia local, são fundamentais para reforçar a identidade e competitividade da região. Com o envolvimento de produtores, associações, instituições públicas e privadas, pretende-se estruturar um modelo de desenvolvimento que valorize os recursos locais, fortaleça a coesão territorial e crie novas oportunidades económicas, assegurando a sustentabilidade ambiental e social a longo prazo.

Este plano estratégico visa, assim, posicionar o Tâmega e Sousa como uma referência nacional no movimento das Bio-Regiões, contribuindo para a transição ecológica da agricultura e para a dinamização de um setor agroalimentar mais inovador, competitivo e alinhado com as tendências de consumo sustentável.

## 1.1. Bio-região

Partindo da necessidade de criação e existência de uma gestão sustentável dos recursos locais, surgem as Bio-Regiões, inseridas numa determinada área geográfica com as suas especificidades locais/ regionais, onde os vários atores do território se comprometem e

articulam com o objetivo principal de transformar o sistema alimentar tradicional num sistema alimentar verdadeiramente sustentável, saudável e diversificado.

Através de um ciclo virtuoso que engloba várias áreas estratégicas de ação, as Bio-Regiões contribuem, igualmente, para a melhoria da sustentabilidade ambiental e da resiliência climática.

Uma Bio-região abrange paisagens, processos naturais, identidade cultural única e elementos humanos como partes iguais de um todo. É, por isso, essencial que mantenha a integridade das comunidades, dos habitats e ecossistemas da região, apoie processos ecológicos importantes, como o ciclo de nutrientes e resíduos, atenda aos requisitos de habitat de espécies e inclua as comunidades humanas envolvidas na gestão, uso e entendimento dos recursos biológicos.

As Bio-Regiões representam uma abordagem inovadora para o desenvolvimento territorial sustentável, integrado e participativo, com uma abordagem holística que contempla as dimensões ambiental, social, económica e cultural. Este desenvolvimento pode ser realizado através dos seguintes meios:

1. promoção da participação no ordenamento da paisagem e adoção de sistemas agroecológicos;
2. criação de mercados locais sólidos e equitativos;
3. melhoramento do acesso à terra para as novas gerações;
4. simplificação de esquemas de certificação biológica para produtores;
5. aumento da consciencialização ambiental, das tradições e produtos locais;
6. reconhecimento da soberania alimentar e da identidade cultural das comunidades locais.

Dentro da estrutura ecológica e social, interesses governamentais, comunitários, individuais e corporativos compartilham a responsabilidade de coordenar o planeamento do uso da terra e de implementar opções de desenvolvimento que garantirão que as necessidades humanas sejam atendidas de maneira sustentável. São necessárias formas inovadoras de integração institucional e cooperação social para atender a essas necessidades. O diálogo, a participação e a grande flexibilidade institucional são essenciais.

Os objetivos de uma Bio-Região podem ser agrupados em três grandes áreas:

1. **Económica:** criar novas oportunidades para produtores e outros agentes do território, promovendo circuitos curtos, venda direta e compras públicas sustentáveis. Pretende-se também facilitar a certificação biológica em grupo, estimular o acesso a novos mercados e fomentar o empreendedorismo local.
2. **Ambiental:** promover práticas agroecológicas que reduzam o impacto ambiental, conservem os recursos naturais e reforcem a biodiversidade. A proteção das variedades tradicionais e a gestão sustentável da água e do solo contribuem para a mitigação das alterações climáticas.
3. **Social:** reforçar a coesão territorial através da criação de emprego rural, inclusão de grupos vulneráveis e valorização da agricultura social. A participação comunitária e a educação ambiental são fundamentais para revitalizar as comunidades e preservar os saberes tradicionais.

A primeira Bio-região surgiu em 2004, em Ciento (Itália), dando início a um processo de definição e regulamentação do modelo de Bio-região, adotado nos anos seguintes por outros territórios com a pretensão de criar um sistema alimentar e ambiental sustentável.

## 1.2. IN.N.E.R. - Rede Internacional de Bio-Regiões

A organização nasceu da vontade de diversos atores internacionais em promover um conceito de desenvolvimento sustentável dos territórios, dando origem a uma rede e entidade legal de natureza exclusiva e especializada das Bio-regiões.

A **IN.N.E.R.** atua ao nível da coordenação geral da rede, da comunicação (interna e externa), da formação e sistema de aprendizagem (agroecologia e agricultura social), da promoção e marketing (serviços de ecoturismo de atratividade), da angariação de fundos e da cooperação internacional.

Ao atuar em vários níveis, a IN.N.E.R. tenciona responder à dupla necessidade das Bio-Regiões:

1. reforçar as práticas adotadas através de uma estratégia de coordenação para o desenvolvimento e inovação contínua com uma linha de ação comum e através da troca de informações e experiências;
2. sustentar as práticas através da capacidade política de apoio a nível local, nacional e internacional.

Dada a importância dos sistemas alimentares sustentáveis e o potencial das Bio-regiões para promover padrões de consumo mais sustentáveis e diversificados, a IN.N.E.R. busca apoiar os desafios futuros dessas regiões. O foco está no aumento da qualidade da produção biológica, no fortalecimento das políticas governamentais, na participação dos atores territoriais e na promoção da cooperação internacional.

## 2. Diagnóstico do Setor Agroalimentar no Tâmega e Sousa

O setor agroalimentar do Tâmega e Sousa desempenha um papel crucial na economia e identidade da região, caracterizando-se por uma **forte tradição agrícola e uma diversidade de produtos endógenos de elevada qualidade**. Com uma paisagem marcada por pequenas explorações familiares, um ecossistema agrícola diversificado e uma crescente aposta em produtos certificados como DOP e IGP, a sub-região apresenta um elevado potencial para a valorização da produção sustentável e para a afirmação como Bio-região.

A transformação do Tâmega e Sousa numa Bio-região implica uma transição para um modelo de agricultura mais sustentável, assente na **produção biológica, na economia circular e na valorização dos circuitos curtos de comercialização**. Este processo exige um diagnóstico detalhado do setor agroalimentar, de forma a compreender os desafios e oportunidades existentes, identificar os principais agentes envolvidos e definir estratégias eficazes para a sua implementação.

O presente diagnóstico analisa a evolução da agricultura na região, comparando a produção convencional com a biológica, e avalia fatores estruturais como a organização da produção, a qualificação dos produtores, as dinâmicas de mercado e a articulação com setores complementares, como o turismo e a gastronomia. A identificação de pontos fortes e constrangimentos permitirá delinear um plano estratégico para impulsionar práticas agrícolas sustentáveis, aumentar a competitividade do setor e promover um desenvolvimento territorial equilibrado e inovador.

Deste modo, este documento pretende servir como base para a criação de um modelo agroalimentar mais resiliente, competitivo e alinhado com as tendências de consumo sustentável, consolidando o Tâmega e Sousa como uma referência no movimento das Bio-Regiões em Portugal.

## 2.1. Evolução Agrícola nas últimas duas décadas (produção convencional e produção biológica)

Ao longo das últimas duas décadas, a agricultura no Tâmega e Sousa tem sido marcada por um processo de transformação e adaptação a novos paradigmas, com destaque para as mudanças nos padrões de consumo, nas políticas agrícolas e nos desafios ambientais. Enquanto a produção convencional se manteve dominante, a agricultura biológica tem vindo a emergir como uma alternativa crescente e sustentável, com um potencial significativo para a região, embora ainda com um peso relativamente reduzido no setor agroalimentar.

O setor agrícola convencional continua a ser o principal motor da produção, especialmente em culturas tradicionais, como a vinha, a fruticultura, a horticultura e a pecuária. Neste contexto, a modernização das explorações, por meio do aumento da mecanização e da adoção de novas tecnologias, tem impulsionado a produtividade e a competitividade. Contudo, o pequeno tamanho das propriedades, em grande parte familiares, continua a representar um desafio para a competitividade do setor. A indústria agroalimentar ligada a este modelo de produção tem-se expandido, com destaque para a produção de vinhos, produtos de fumeiro e laticínios, beneficiando da valorização e reconhecimento crescente dos produtos da região.

A sub-região do Tâmega e Sousa é notável pela sua forte tradição agrícola e agroindustrial, sendo o setor um pilar essencial da economia local. Com uma enorme diversidade produtiva, que abrange tanto culturas permanentes como a vinha e frutos, quanto culturas temporárias como hortícolas e cereais, a região apresenta-se como um importante polo de produção agroalimentar. Recentemente, a agricultura biológica tem mostrado um crescimento significativo, impulsionado pela crescente procura por produtos saudáveis e sustentáveis, assim como pelas políticas de incentivo à sustentabilidade ambiental. Estes dados serão comprovados nos pontos abordados ao longo deste documento.

O setor agroalimentar no Tâmega e Sousa apresenta um grande potencial para o crescimento sustentável, particularmente com a valorização dos produtos regionais e a transição para práticas agrícolas mais sustentáveis. A inovação, o apoio técnico aos

produtores e a promoção de redes colaborativas são fundamentais para impulsionar a competitividade e garantir a sustentabilidade a longo prazo, permitindo à região consolidar-se como um polo agroalimentar de referência.

Além disso, os produtos tradicionais da região, como o do vinho certificado com denominação de origem controlada (DOC), o Mel das Terras Altas do Minho DOP, a Carne Maronesa DOP, o Capão de Freamunde IGP e diversos outros produtos endógenos, representam um valioso património que pode ser ainda mais valorizado no contexto de uma Bio-região, combinando as tradições locais com práticas agrícolas inovadoras e sustentáveis.

### 2.1.1. Número de Explorações

O setor agrícola no Tâmega e Sousa caracteriza-se por uma grande diversidade de explorações, que variam em termos de tipo de produção, dimensão e gestão. A região apresenta uma combinação de pequenas explorações familiares e unidades de maior dimensão, refletindo uma estrutura agrícola que é, em grande parte, ainda dominada pela agricultura tradicional e familiar.

Em 2019, o Tâmega e Sousa integrava cerca de 11 212 explorações agrícolas, registando uma diminuição de 31,62% face a 1999 (Tabela 1). Destas, 5 665 explorações eram especializadas na produção vegetal e 1 119 na produção animal. Relativamente às explorações em modo de produção biológico, 138 explorações dedicavam-se à produção vegetal, e 22 tinham efetivo animal. No total, existiam 160 explorações biológicas em 2019, um crescimento significativo face às 23 registadas em 2009 e à inexistência desse tipo de exploração em 1999.

*Tabela 1 - Número de explorações total e em modo de produção biológica*

Ano	Total				Modo de produção biológico		
	Especializadas - produções vegetais	Especializadas - produtos animais	Mistas	Total	Vegetal	Animal	Total
1999	3 980	1 141	11 275	16 396	-	-	-
2009	4 006	1 386	7 024	12 416	17	6	23
2019	5 665	1 119	4 428	11 212	138	22	160

Fonte: Pordata e INE, Recenseamento agrícola - Séries históricas

Uma vez que, como podemos verificar na tabela supra, não existe qualquer tipo de produção biológica nos dados disponíveis para o ano 1999, a partir do próximo ponto serão analisados apenas dados a partir do ano 2009.

### 2.1.2. Dimensão

Em termos de dimensão das explorações, o Tâmega e Sousa apresenta uma forte predominância de explorações de pequena e média dimensão. A grande maioria dessas explorações está orientada para a produção de culturas como vinhos, hortícolas, frutas, e produtos de pecuária, como é possível verificar na Tabela 2. As explorações agrícolas na região enfrentam uma estrutura fragmentada, com uma elevada dispersão das unidades, o que pode gerar desafios em termos de eficiência e competitividade, especialmente nas explorações de menor dimensão.

A dimensão das explorações na região apresenta uma grande variação, sendo uma das características estruturais mais importantes do setor. Embora exista uma tendência para o aumento das explorações de maior dimensão, que conseguem ganhos em termos de competitividade e capacidade de inovação, a maioria das explorações continua a ser de pequena e média dimensão, com a gestão familiar em destaque (Gráfico 1). Este fator está diretamente relacionado com a fragmentação da propriedade e com os desafios de escalabilidade que as explorações de menor dimensão enfrentam, particularmente

quando comparadas com unidades maiores, que têm maior capacidade para investir em tecnologia, modernização e inovação.

Embora a dimensão reduzida da maioria das explorações possa representar um desafio em termos de competitividade e viabilidade económica a longo prazo, a presença de explorações de menor dimensão também contribui para a preservação da paisagem rural e para a manutenção de práticas agrícolas sustentáveis, muitas vezes associadas à agricultura biológica. Para garantir o crescimento sustentável e a melhoria da competitividade no futuro, será fundamental promover a agregação de pequenas explorações, o aumento da eficiência na gestão das unidades agrícolas e o fortalecimento da cooperação entre os produtores.

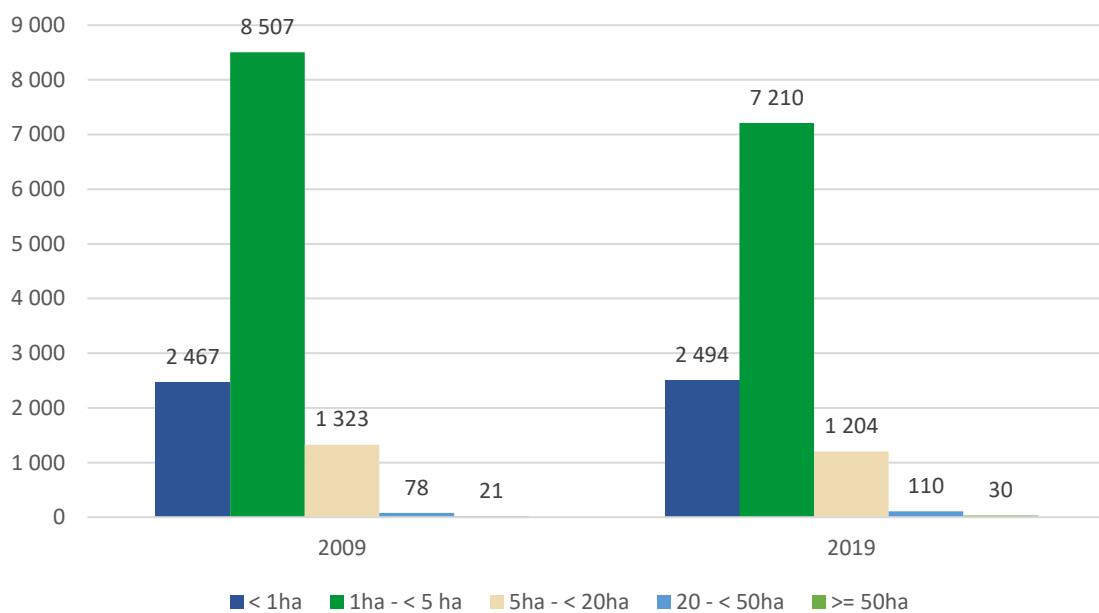


Figura 1 - Número de explorações por dimensão

Fonte: Pordata

Nos últimos anos, as **explorações de maior dimensão** são mais comuns em áreas de viticultura, produção de frutos (como kiwi, frutos de pequena baga e castanha), bem como na produção de hortícolas e pecuária intensiva. Nesses casos, as formas jurídicas empresariais oferecem uma maior flexibilidade e maior capacidade de atrair financiamento e investimento, ainda com alguma dificuldade, além de possibilitar uma melhor gestão dos recursos e maior eficiência na produção.

Tabela 2 - Número de explorações agrícolas por tipo de cultura e classes de área

Tipo de Cultura	2019							
	<0,5 ha	0,5 - <1 ha	1 - <2 ha	2 - <5 ha	5 - <20 ha	20 - <50 ha	50 - <100 ha	>= 100 ha
Macieiras	493	27	17	8	2	-	-	-
Pereiras	350	13	8	1	-	-	-	-
Pessegueiros	175	6	2	-	-	-	-	-
Cerejeiras	649	192	165	121	36	-	-	-
Outros frutos frescos (inclui frutos de pequena baga)	323	69	158	107	13	1	-	-
Laranjeiras	524	29	9	6	2	-	-	-
Tangerineiras	146	5	1	2	-	-	-	-
Limoeiros	260	20	13	14	5	-	-	-
Outros citrinos	6	-	-	-	1	-	-	-
Kiwis	142	39	56	77	54	5	-	-
Abacateiros	3	-	-	-	-	-	-	-
Outros frutos sub-tropicais	9	3	5	-	-	-	-	-
Amendoeiras	17	2	3	1	2	-	-	-
Castanheiros	412	87	81	40	12	2	-	-
Nogueiras	132	22	11	5	4	-	-	-
Outros frutos secos	32	8	6	1	2	-	-	-
Azeitona para azeitona de mesa	24	2	-	-	-	-	-	-
Azeitona para azeite	821	160	67	22	6	-	-	-
Vinha para vinho	4 820	1 289	1 008	734	341	35	4	1
Vinha para uva de mesa	41	12	5	1	-	-	-	-
Outras	3	7	1	2	1	-	-	-
Trigo	17	10	4	1	-	-	-	-
Centeio	208	37	13	5	-	-	-	-
Aveia	73	33	24	11	3	-	-	-
Milho	2 347	1 390	823	298	29	-	1	-
Leguminosas secas para grão	1154	40	14	1	-	-	-	-
Feijão	1 165	1 124	32	8	1	-	-	-

Tipo de Cultura	2019							
	<0,5 ha	0,5 - <1 ha	1 - <2 ha	2 - <5 ha	5 - <20 ha	20 - <50 ha	50 - <100 ha	>= 100 ha
Grão-de-bico	5	-	-	-	-	-	-	-
Outras leguminosas secas (inclui Fava seca)	39	9	5	-	-	-	-	-
Prados temporários	256	193	147	77	19	-	-	-
Culturas Forrageiras	1 156	873	714	395	152	20	7	1
Batata	1 466	88	21	4	1	-	-	-
Outras culturas industriais	5	2	2	8	1	-	-	-
Culturas hortícolas extensivas	191	30	9	6	1	-	-	-
Culturas hortícolas intensivas	241	63	34	15	3	-	-	-
Flores e plantas ornamentais ar livre/ abrigo baixo	16	5	2	2	-	1	-	-
Flores e plantas ornamentais estufa/abrigo alto	28	8	2	2	-	-	-	-
Outras culturas temporárias	17	3	1	-	1	-	-	-

Fonte: INE, Recenseamento agrícola - séries históricas

### 2.1.3. Operadores de Produção Biológica

Em 2023, a sub-região do Tâmega e Sousa integrava 284 operadores de Produção Biológica. Destes, 272 exerciam atividades de produção, 33 de preparação, 2 de exportação e 7 de distribuição (Tabela 3). Comparando estes valores com os registados em 2019, verifica-se um crescimento de 154,21% no número de operadores dedicados à produção e de 371,43% no número de operadores dedicados à preparação, o que reflete o aumento da procura por alimentos sustentáveis e a apostila nas políticas de incentivo à transição agroecológica.

*Tabela 3 - Número de operadores de Produção Biológica por área de atuação*

Ano	Produção	Preparação	Exportação	Distribuição
2019	208	28	2	7
2023	272	33	2	7

Fonte: Direção-Geral de Agricultura e Desenvolvimento Rural

#### 2.1.4. Máquinas agrícolas

A mecanização da agricultura na sub-região do Tâmega e Sousa tem acompanhado a modernização do setor, embora muitas explorações continuem a depender de **equipamentos tradicionais e de uso partilhado**. O pequeno tamanho das propriedades e a orografia da região limitam a utilização de maquinaria pesada, tornando essencial o investimento em **soluções adaptadas a explorações de pequena dimensão**.

Em 2019, cerca de 4 642 explorações tinham pelo menos um trator, 465 explorações tinham motocultivador e 299 tinham pelo menos uma motoenxada (Tabela 4). Entre 2009 e 2019, registou-se um aumento significativo do número de explorações que detinham máquinas agrícolas, sendo os maiores aumentos registados ao nível das ceifeiras-debulhadoras (de 1 para 21) e das motoenxadas (149,17%). Neste mesmo período, o número de explorações que usavam motoceifeiras aumentou 85,29% e o número de explorações que usavam motocultivadores aumentou 22,37%.

*Tabela 4 - Explorações agrícolas com máquinas agrícolas*

Ano	Tratores (de rodas e de rasto)	Motocultivadores	Motoenxadas	Motoceifeiras	Ceifeiras- debulhadoras	Total
2009	4 405	380	120	68	1	4 718
2019	4 642	465	299	126	21	5 047

Fonte: INE, Recenseamento agrícola - séries históricas

A renovação do parque de máquinas agrícolas e a incorporação de novas tecnologias serão determinantes para a competitividade do setor agroalimentar da região. A

modernização das explorações, aliada à adoção de práticas sustentáveis, reforçará o posicionamento do Tâmega e Sousa como uma Bio-região inovadora e sustentável.

Além de aumentar a eficiência produtiva, a renovação do parque de máquinas agrícolas e a incorporação de novas tecnologias contribuirão para a redução do impacto ambiental, promovendo uma gestão mais eficiente dos recursos naturais. A introdução de equipamentos mais avançados permitirá otimizar o uso da água e dos fertilizantes, reduzir o desperdício e minimizar a pegada de carbono da produção agroalimentar. Dessa forma, a modernização do setor não apenas fortalecerá a competitividade das explorações agrícolas, mas também consolidará o compromisso da região com a sustentabilidade e a inovação no contexto das Bio-regiões.

### 2.1.5. Natureza Jurídica do Produtor e Formas de Exploração

A natureza jurídica dos produtores agrícolas no Tâmega e Sousa é diversificada, refletindo a estrutura do setor agrícola da região. A maioria das explorações agrícolas pertence a produtores singulares (10 626 explorações, em 2019) (Tabela 5), sendo maioritariamente geridas sob o modelo de **exploração familiar**, o qual constitui a forma predominante de organização da produção. Este modelo de exploração está intimamente ligado às tradições da agricultura na região, com o trabalho a ser realizado, através de um forte recurso à mão-de-obra agrícola familiar, que embora tenha diminuído nos últimos anos, continua a superar em larga escala a mão-de-obra não familiar em termos de volume de trabalho (Tabela 6). Além disso, o pequeno tamanho das explorações e a forte ligação das famílias ao território tornam este modelo de gestão a norma na região, refletindo as práticas históricas e culturais da região.

*Tabela 5 - Número de explorações por natureza jurídica do produtor*

Ano	Produtor Singular	Sociedades	Baldios	Outras formas da natureza jurídica do produtor (cooperativas, associações, fundações, mosteiros, conventos, seminários, escolas privadas)	Total
2009	12 197	178	9	32	12 416
2019	10 626	537	20	29	11 212

Fonte: INE

No entanto, nas últimas décadas, têm surgido outras formas jurídicas de organização das explorações, impulsionadas por desafios de escala e a crescente busca por maior competitividade e sustentabilidade no setor. Assim, é possível encontrar outras formas de exploração, como **associações de produtores, cooperativas agrícolas, e até sociedades agrícolas** que reúnem produtores com o intuito de otimizar a produção, e criar sinergias em diversas áreas, incluindo a inovação, a partilha de recursos e a redução de custos operacionais. Entre 2009 e 2019, registou-se um aumento de 201,7% no número de sociedades agrícolas e uma diminuição de 9,38% nas outras formas de natureza jurídica do produtor (cooperativas, associações, fundações, mosteiros, conventos, seminários, escolas privadas).

*Tabela 6 - Volume de trabalho da mão-de-obra agrícola (UTA) por tipo de mão-de-obra*

Ano	Mão-de-obra agrícola familiar				Mão-de-obra agrícola não familiar
	Produtor	Cônjuge	Outros membros da família	Total	
2009	8 146	5 116	2 696	15 985	2 475
2019	5 436	3 043	1 907	10 385	3 442

Fonte: INE, Recenseamento agrícola - séries históricas

As **sociedades agrícolas** e as **empresas agrícolas** são formas jurídicas que têm vindo a crescer na região, especialmente no contexto da modernização das explorações e do aumento da competitividade do setor agroalimentar. Essas estruturas empresariais são

responsáveis pela gestão de explorações de maior dimensão e pela implementação de processos produtivos mais sofisticados e industriais. A criação de sociedades agrícolas tem permitido a articulação de produtores com maior capacidade de investimento, assim como a implementação de tecnologias de ponta, técnicas de cultivo inovadoras e uma maior organização dos processos de distribuição e comercialização.

*Tabela 7 - Número de explorações por forma de exploração*

Ano	Conta Própria	Arrendamento	Outras Formas
2009	10 236	2 333	1 313
2019	9 886	625	1 480

Fonte: INE, Recenseamento agrícola - 2019

Em relação às **formas de exploração agrícola**, as práticas na região variam conforme o tipo de produto agrícola cultivado. Enquanto algumas explorações são orientadas para a produção intensiva e de larga escala, outras, predominantemente em áreas mais montanhosas e de menor acessibilidade, mantêm práticas tradicionais de agricultura extensiva, com o uso de métodos tradicionais e sustentabilidade em mente.

Em 2019, a maioria das explorações eram por conta própria (9 886 explorações), existindo apenas 1 480 explorações com outras formas de exploração e 625 explorações arrendadas (Tabela 7). No total, foram registadas descidas entre 2009 e 2019, sendo a maior queda registada ao nível das explorações arrendadas (-10,9%).

A diversidade de formas jurídicas e de exploração contribui para a flexibilidade do setor, permitindo que os produtores adaptem as suas práticas e estruturas de acordo com as suas necessidades, com os desafios do mercado e com as políticas agrícolas e ambientais. O fortalecimento dessas formas jurídicas poderá ser fundamental para o desenvolvimento sustentável da Bio-região e para o aumento da competitividade da agricultura local.

## 2.1.6. Superfície Agrícola Utilizada

No que diz respeito à **Superfície Agrícola Utilizada (SAU)**, o Tâmega e Sousa tem vindo a sofrer alterações ao longo dos últimos anos, com um crescimento na área destinada à agricultura biológica e à modernização de explorações (Tabela 8). No entanto, a região continua a registar uma predominância de áreas dedicadas à produção convencional, especialmente nas culturas de vinhos (9 993 ha em 2019), cereais (3 817 ha em 2019), frutos frescos (1 226 ha em 2019) e pecuária (11 375 ha em 2019). A área dedicada à **produção biológica** cresceu entre 2009 e 2019, especialmente na produção de hortícolas (de 1 ha para 22 ha), frutos frescos (de 37 ha para 69 ha) e frutos de pequena baga (de 1 ha para 87 ha), embora representem ainda uma pequena fração da totalidade das explorações na região. A SAU total da sub-região do Tâmega e Sousa reflete a diversidade de usos agrícolas e as diferentes áreas de cultivo presentes, com destaque para as culturas permanentes, como a vinha, e as culturas temporárias, como hortícolas e cereais.

*Tabela 8 - Superfície agrícola utilizada (ha) por tipo de cultura*

Tipo de cultura	Total		Modo de produção biológico	
	2009	2019	2009	2019
Culturas forrageiras	11 732	5 467	-	-
Pastagens permanentes	11 114	11 375	9	48
Vinha	9 257	9 993	51	108
Cereais para grão	8 249	3 817	1	6
Pousio	1 753	2 526	2	3
Frutos frescos	1 114	1 226	37	69
Prados temporários	703	762	-	-
Leguminosas secas para grão	526	182	-	1
Frutos de casca rija	514	640	14	85
Olival	385	436	0	2
Frutos sub-tropicais	323	959	-	27
Batata	317	283	1	1
Culturas hortícolas	158	269	1	22

Tipo de cultura	Total		Modo de produção biológico	
	2009	2019	2009	2019
Citrinos	116	273	17	22
Frutos de pequena baga	69	709	1	87
Flores e plantas ornamentais	25	63	-	-
Outras culturas permanentes	22	26	-	1
Outras culturas temporárias	9	11	-	1
Culturas industriais	3	31	1	28
Total:	46 389	39 048	136	511

Fonte: INE, Recenseamento agrícola - séries históricas

Além disso, o crescente número de **explorações em modo biológico** tem contribuído para o aumento das formas de **exploração sustentável**, com práticas agrícolas que respeitam o meio ambiente, minimizam o uso de produtos químicos e promovem a biodiversidade. Estas práticas estão alinhadas com as políticas europeias de promoção da sustentabilidade, ao mesmo tempo que atendem à crescente procura por alimentos mais saudáveis e ambientalmente responsáveis. A gestão de **produtos certificados**, como vinhos, carnes e frutas com Denominação de Origem Protegida (DOP) ou Indicação Geográfica Protegida (IGP), também tem estimulado novas formas jurídicas e de exploração, visando a valorização da produção local.

Em resumo, o Tâmega e Sousa apresenta um panorama agrícola caracterizado pela predominância de pequenas explorações, que têm um papel fundamental na identidade da região, mas que enfrentam desafios significativos em termos de competitividade. A integração de práticas agrícolas mais sustentáveis, como a agricultura biológica, juntamente com estratégias para aumentar a eficiência e a escala das explorações, poderá contribuir para um setor mais dinâmico e sustentável na região.

A ocupação das terras agrícolas no Tâmega e Sousa reflete a forte tradição agroalimentar da região, caracterizando-se por uma elevada fragmentação fundiária e por uma diversidade produtiva que inclui viticultura, fruticultura, horticultura e

pecuária. A Superfície Agrícola Utilizada (SAU) na região encontra-se distribuída entre diferentes tipos de ocupação, cada uma com um papel relevante na economia e no modo de vida rural.

#### *2.1.6.1. Distribuição da SAU por Tipo de Ocupação*

A SAU do Tâmega e Sousa está maioritariamente ocupada por:

1. **Culturas permanentes** – Com destaque para a viticultura, essencialmente dedicada à produção de Vinho Verde DOC, e para a fruticultura, culturas que têm vindo a ganhar expressão na região devido à sua valorização comercial. Em 2019, as culturas permanentes ocupavam 14 262 ha, dos quais 391 ha estavam destinados à produção em modo biológico (Tabela 9).
2. **Pastagens permanentes e prados para pecuária** – Essenciais para a produção pecuária extensiva, sobretudo de raças autóctones certificadas, como a Carne Maronesa DOP, a Carne Arouquesa DOP e a Carne Barrosã DOP. Em 2019, as pastagens permanentes ocupavam uma extensão de 11 375 ha, dos quais 42 ha estavam destinados à produção em modo biológico (Tabela 9).
3. **Culturas temporárias** – Inclui a produção de hortícolas ao ar livre e em estufas, bem como cereais e forragens para alimentação animal. A produção de hortícolas tem demonstrado crescimento, especialmente em modo de produção biológica (MPB). Em 2019, as culturas temporárias ocupavam uma extensão de 7 866 ha, dos quais 50 ha estavam destinados à produção em modo biológico (Tabela 9).
4. **Florestas e áreas agroflorestais** – Embora não façam parte da SAU, estas áreas desempenham um papel importante na paisagem rural da região e na complementaridade da atividade agrícola, especialmente no fornecimento de madeira e na proteção dos solos contra a erosão.

*Tabela 9 - Superfície agrícola utilizada (ha) por composição*

Ano	Culturas Temporárias		Pousio		Horta Familiar		Culturas permanentes		Pastagens Permanentes		Total	
	Total	MPB	Total	M P B	Total	M P B	Total	MPB	Total	M P B	Total	MPB
2009	13 189	4	1 753	2	1 013	-	11 801	121	11 114	9	38 869	136
2019	7 866	63	2 526	3	750	-	14 262	400	11 375	48	36 780	511

Fonte: INE, Recenseamento agrícola - séries históricas

### *2.1.6.2. Características da Utilização das Terras na Região*

- Elevada fragmentação fundiária** – A maioria das explorações agrícolas tem pequenas dimensões, o que dificulta a mecanização e a competitividade dos produtores. A falta de terras disponíveis para expansão das explorações representa um desafio estrutural.
- Predomínio da agricultura familiar** – A ocupação da SAU reflete o domínio das explorações familiares, que são a base da atividade agrícola na região, contribuindo para a manutenção das práticas tradicionais e a preservação dos recursos naturais.
- Expansão progressiva da agricultura biológica** – A SAU destinada à agricultura biológica tem vindo a crescer, principalmente na produção de hortícolas, pequenos frutos e ervas aromáticas, impulsionada por incentivos da Política Agrícola Comum (PAC) e pela procura crescente por produtos sustentáveis.
- Subaproveitamento de áreas agrícolas** – Algumas terras agrícolas encontram-se abandonadas ou subutilizadas devido ao êxodo rural e à dificuldade em atrair mão de obra para o setor, o que representa uma oportunidade para estratégias de revitalização agrícola e promoção da bioeconomia.
- Integração com o setor agroindustrial** – Parte da produção agrícola da SAU é destinada à transformação agroalimentar, como a vinificação, a produção de

queijos e fumeiro tradicional, promovendo a valorização dos produtos locais e a criação de valor acrescentado.

A correta gestão da SAU e a adoção de estratégias para otimizar o uso das terras são fundamentais para a transição do Tâmega e Sousa para uma Bio-região. A apostar na sustentabilidade, na recuperação de áreas agrícolas abandonadas e na diversificação da produção são caminhos essenciais para garantir a viabilidade e a competitividade do setor agroalimentar regional.

#### *2.1.6.3. Superfície Agrícola Utilizada em Modo de Produção Biológico (MPB)*

A agricultura biológica tem vindo a crescer no Tâmega e Sousa, impulsionada pela procura crescente de produtos sustentáveis e pelo apoio de políticas públicas nacionais e europeias. No entanto, a **SAU dedicada ao Modo de Produção Biológico ainda representa uma fração reduzida do total agrícola da região.**

Principais tendências e características da SAU em MPB:

- 1. Expansão progressiva da área biológica** – A superfície agrícola utilizada em **MPB** tem aumentado, especialmente em setores como hortícolas, pequenos frutos (mirtilos, framboesas), frutos secos e ervas aromáticas.
- 2. Presença de vinhas e fruticultura biológica** – Algumas explorações de Vinho Verde já adotam práticas biológicas, assim como pomares de kiwi e macieiras, aproveitando as condições agroclimáticas da região.
- 3. Dificuldades no processo de certificação** – A burocracia e os custos de certificação biológica continuam a ser um desafio, sobretudo para os pequenos produtores, limitando a expansão do setor.
- 4. Falta de organização na comercialização** – O escoamento da produção biológica ainda depende, em grande parte, de mercados locais, feiras e circuitos curtos de distribuição, sendo necessária uma maior integração em cadeias de valor organizadas.
- 5. Apoios da PAC e incentivos nacionais** – As ajudas europeias para a conversão das explorações para MPB têm sido um motor de crescimento, mas a necessidade de formação técnica e apoio na transição continua a ser um desafio.

6. **Contribuição para a sustentabilidade** – O aumento da SAU em MPB representa um passo fundamental para consolidar o Tâmega e Sousa como uma Bio-região, promovendo práticas agrícolas mais sustentáveis, a conservação dos solos e a redução do impacto ambiental.

O crescimento da superfície em Modo de Produção Biológico, aliado à modernização da rega e ao incentivo à sustentabilidade, será essencial para fortalecer a competitividade da agricultura regional e consolidar o Tâmega e Sousa como referência em produção agroalimentar sustentável.

### 2.1.7. Superfície Regada

A disponibilidade e gestão da água para regadio desempenham um papel crucial na produtividade e na sustentabilidade da agricultura no Tâmega e Sousa. A região apresenta uma distribuição desigual da água para rega, com predomínio de pequenas explorações agrícolas que dependem de sistemas tradicionais de captação e uso de recursos hídricos locais.

Entre 2009 e 2019, a superfície regada das culturas permanentes aumentou cerca de 208,7%, e verificou-se uma forte aposta no sistema de rega gota-a-gota e no de microaspersão no caso da cultura de kiwis (Tabela 10). Durante este mesmo período, a superfície regada das culturas temporárias diminuiu 42,9%, verificando-se, neste tipo de culturas, o predomínio da rega por gravidade, apesar de um ligeiro aumento da rega por gota-a-gota.

#### 2.1.7.1. Principais características da superfície regada na região:

1. **Baixa percentagem de área irrigada** – Grande parte das explorações da região depende da precipitação natural, sendo o regadio mais expressivo em culturas de maior exigência hídrica, como hortícolas, frutícolas (kiwi e frutos de pequena baga) e vinhas.
2. **Uso de sistemas tradicionais de rega** – A rega por gravidade ainda é utilizada, especialmente em pequenas explorações. No entanto, há uma crescente adoção

de tecnologias mais eficientes, como sistemas de rega gota-a-gota e microaspersão, especialmente nas explorações de hortícolas e pequenos frutos em estufas.

3. **Dependência de cursos de água e barragens locais** – O abastecimento hídrico é feito maioritariamente por ribeiros, poços e algumas pequenas barragens, mas existem desafios associados à gestão sustentável da água, especialmente em anos de seca.
4. **Necessidade de modernização dos sistemas de regadio** – A eficiência da rega pode ser melhorada com investimentos em tecnologias mais sustentáveis e na otimização do uso da água, promovendo a resiliência do setor face às mudanças climáticas.

A modernização do regadio, aliada à adoção de boas práticas de gestão hídrica, será essencial para garantir a sustentabilidade da produção agrícola na transição para uma Bio-região.

Tabela 10 - Superfície regada (ha) das explorações agrícolas por método de rega e por cultura

Cultura	2009					2019				
	Gravidade	Aspersão	Gota-a-gota	Micro aspersão	Total	Gravidade	Aspersão	Gota-a-gota	Micro aspersão	Total
Macieiras	14	-	30	-	44	34	-	54	2	90
Pereiras	7	-	11	-	18	13	-	18	1	31
Pessegueiros	5	-	5	-	11	8	-	3	-	11
Cerejeiras	414	-	295	1	710	272	-	517	1	790
Outros frutos frescos (inclui frutos de pequena baga)	18	-	21	1	40	78	-	601	6	685
Laranjeiras	17	-	9	17	44	39	-	16	2	57
Tangerineiras	4	-	0	2	6	5	-	2	4	11
Limoeiros	3	-	4	1	8	18	-	92	1	112
Outros citrinos	-	-	-	1	1	0	-	11	-	12
Kiwis	11	-	63	245	319	40	-	234	665	939
Amendoeiras	-	-	0	-	-	10	-	1	-	11
Castanheiros	65	-	18	4	86	80	-	100	1	180
Nogueiras	11	-	9	3	23	18	-	12	1	30
Outros frutos secos	0	-	1	-	1	8	-	7	-	15
Azeitona para azeitona de mesa	0	-	-	-	-	1	-	0	-	1
Azeitona para azeite	44	-	9	1	54	80	-	48	-	129
Vinha para vinho	807	-	434	16	1 257	2 272	-	2 715	16	5 003
Outras	9	-	11	-	20	1	-	19	3	23

Cultura	2009					2019				
	Gravidade	Aspersão	Gota-a-gota	Micro aspersão	Total	Gravidade	Aspersão	Gota-a-gota	Micro aspersão	Total
<b>Total culturas permanentes</b>	<b>1 430</b>	-	918	291	<b>2 639</b>	<b>2 978</b>	-	<b>4 464</b>	<b>704</b>	<b>8 146</b>
Trigo	-	12	-	-	12	-	0	-	-	0
Centeio	-	17	-	-	17	22	1	-	-	23
Aveia	-	20	-	-	20	30	16	-	-	46
Milho	6 729	469	10	-	7 209	2 918	502	17	-	3 437
Feijão	432	17	-	-	449	131	13	-	-	145
Outras leguminosas secas (inclui Fava seca)	0	-	-	-	0	10	1	-	-	11
Prados temporários	426	90	-	-	516	482	63	-	-	545
Culturas Forrageiras	1 792	1 089	29	-	2 911	1 143	635	32	-	1 809
Batata	255	5	3	-	263	244	2	3	0	249
Outras culturas industriais	0	1	1	-	2	4	0	27	-	30
Culturas hortícolas extensivas	18	15	12	0	46	40	6	12	1	58
Culturas hortícolas intensivas	49	24	22	3	98	90	35	55	3	183
Flores e plantas ornamentais ar livre/ abrigo baixo	2	3	5	2	11	2	31	10	-	43
Flores e plantas ornamentais estufa/abrigos alto	-	-	14	-	14	-	-	19	-	19
Outras culturas temporárias	5	1	0	0	6	5	0	2	-	7
<b>Total Culturas temporárias</b>	<b>9 714</b>	<b>1 763</b>	<b>96</b>	<b>4</b>	<b>11 577</b>	<b>5 120</b>	<b>1 305</b>	<b>177</b>	<b>3</b>	<b>6 605</b>

Fonte: INE, Recenseamento agrícola - séries históricas

## 2.1.8. Efetivo Animal

A pecuária desempenha um papel importante na economia agroalimentar do Tâmega e Sousa, sendo caracterizada por explorações de pequena e média dimensão, muitas delas de base familiar. A região destaca-se pela produção de carnes certificadas com Denominação de Origem Protegida (DOP) e Indicação Geográfica Protegida (IGP), que contribui para a valorização dos produtos locais.

As principais características do efetivo pecuário na região são:

1. **Bovinos:** Presença significativa de raças autóctones com **certificação DOP, como Maronesa, Arouquesa e Barrosã**, valorizadas pela qualidade da carne e pelo modo de produção extensivo. Relativamente às explorações predominantemente de pequena dimensão, muitas delas estão associadas a sistemas tradicionais de pastoreio. Em 2019, existiam na região cerca de 16 149 bovinos, sendo 14 destes criados em modo de produção biológico (Tabela 11).
2. **Suínos:** Produção direcionada para a transformação agroindustrial, nomeadamente para o **fumeiro tradicional e enchidos regionais**. As pequenas explorações predominam, sendo os sistemas de produção intensiva menos representativos. Em 2019, existiam na região cerca de 5 553 suínos, sendo 64 destes criados em modo de produção biológico (Tabela 11).
3. **Ovinos e Caprinos:** Presença de **Cabrito das Terras Altas do Minho IGP**, uma das produções certificadas na região. O pastoreio tradicional ainda é comum, sobretudo em áreas mais montanhosas. Em 2019, existiam na região cerca de 20 853 ovinos e 6 121 caprinos (Tabela 11).
4. **Avicultura:** Produção de **Capão de Freamunde IGP**, um dos produtos tradicionais de referência da região. Pequenas explorações especializadas na criação de aves para consumo local e festividades gastronómicas. Em 2019, existiam na região cerca de 237 553 aves, das quais 253 eram criadas em modo de produção biológica.

A valorização das raças autóctones e a aposta em modelos de produção sustentáveis são oportunidades para o setor no contexto da transição para uma Bio-região.

*Tabela 11 - Efetivo animal das explorações agrícolas por espécie*

Espécie	Total		Modo de produção biológico	
	2009	2019	2009	2019
Bovinos	18 766	16 149	17	14
Suínos	11 076	5 553	-	64
Ovinos	33 714	20 853	40	26
Caprinos	7 930	6 121	136	12
Equídeos	886	857	-	-
Aves	264 474	237 553	170	253
Coelhos	48 474	16 078	-	-
Colmeias e cortiços	4 287	21 197	40	192

Fonte: INE, Recenseamento agrícola - séries históricas

## 2.1.9. Explorações com Atividades não Agrícolas e Valor da Produção Padrão Total

Uma parte significativa das explorações agrícolas complementa a sua atividade principal com atividades não agrícolas, como forma de diversificação de rendimentos e valorização dos recursos locais. Esta tendência tem sido impulsionada pela necessidade de aumentar a viabilidade económica das explorações, sobretudo em territórios onde a agricultura enfrenta desafios como a pequena dimensão das propriedades, a fragmentação fundiária e a baixa rentabilidade de algumas culturas.

As principais atividades não agrícolas desenvolvidas nas explorações são:

1. **Agroturismo e Turismo Rural:** casas de turismo rural, quintas pedagógicas e atividades de enoturismo, aproveitando a crescente procura por experiências autênticas ligadas à natureza e à gastronomia local. Entre 2009 e 2019, o número de explorações agrícolas que possuía também este tipo de atividade aumentou 221,95% (Tabela 12).

2. **Transformação Artesanal de Produtos Agrícolas:** produção de compotas, queijos, enchidos, vinhos e outros derivados agroalimentares, adicionando valor aos produtos regionais. Entre 2009 e 2019, registou-se um aumento no número de explorações que se dedicavam a esta atividade (42,11%) (Tabela 12).
3. **Prestação de Serviços Agrícolas e Florestais:** aluguer de máquinas, consultoria agrícola e prestação de serviços especializados, como poda ou colheita mecanizada. Entre 2009 e 2019, o número de explorações que desenvolviam atividades de produção florestal diminuiu 24,62%, e o número de explorações que desenvolviam atividades de prestação de serviços diminuiu 30,38% (Tabela 12).
4. **Energias Renováveis:** implementação de projetos de produção de energia solar e biomassa em algumas explorações, como forma de diversificação da atividade económica e redução de custos energéticos. Esta atividade tem ganho expressão nos últimos anos, registando-se um aumento de 400% no número de explorações que desenvolvem esta atividade, entre 2009 e 2019 (Tabela 12).
5. **Artesanato e Produção Local:** Confecção de produtos tradicionais, como cestaria, tecelagem e cerâmica, muitas vezes associados à promoção turística. O número de explorações que se dedicavam a esta atividade aumentou de 1 exploração, em 2009, para 2 explorações, em 2019 (Tabela 12).

A diversificação de atividades representa uma oportunidade estratégica para o desenvolvimento da região, permitindo melhorar os rendimentos das explorações e promover a fixação da população em meio rural.

Tabela 12 - Número de explorações agrícolas com atividades lucrativas não agrícolas por tipo de atividade

Atividades lucrativas não agrícolas	2009	2019	Variação 2009-2019
Turismo rural e atividades diretamente relacionadas	41	91	121,95%
Artesanato e transformação de produtos não alimentares	1	2	100,00%
Transformação de produtos agrícolas alimentares	19	27	42,11%
Produção florestal	65	49	-24,62%
Prestação de serviços	79	55	-30,38%
Transformação de madeira	1	6	500,00%
Aquacultura	3	-	-
Produção de energias renováveis	3	15	400,00%
Outras atividades lucrativas	5	23	360,00%
<b>Total:</b>	<b>200</b>	<b>243</b>	<b>21,50%</b>

Fonte: INE, Recenseamento agrícola - séries históricas

O Valor da Produção Padrão Total (VPPT) é um indicador que mede a **rentabilidade económica das explorações agrícolas**, considerando o valor médio da produção agrícola e pecuária por unidade de superfície ou por animal. No caso do Tâmega e Sousa, o VPPT reflete uma estrutura produtiva dominada por explorações de pequena e média dimensão, com forte presença nos setores de elevado valor acrescentado, como a viticultura e a pecuária certificada.

Os principais fatores que influenciam o VPPT na região são:

- Setores de maior valor económico:** viticultura, fruticultura e pecuária certificada.
- Baixa produtividade em algumas explorações:** a pequena dimensão média das explorações e a fraca mecanização em algumas culturas reduzem a competitividade de certos setores, condicionando o VPPT.

3. **Aumento da Agricultura Biológica e de Nicho:** o crescimento da produção biológica representa uma oportunidade de valorização do VPPT, dado o prémio de preço associado a produtos certificados e sustentáveis.
4. **Impacto da Diversificação de Atividades:** explorações que complementam a sua atividade agrícola com turismo rural, agroindústria artesanal e serviços agrícolas tendem a apresentar um VPPT mais elevado, ao diversificarem as fontes de rendimento.

A evolução do **VPPT no Tâmega e Sousa** dependerá da **capacidade de inovação, da modernização das explorações e da apostar em produtos diferenciados e sustentáveis**. O reconhecimento da região como uma Bio-região poderá potenciar o crescimento da produção biológica e o acesso a novos mercados, contribuindo para o aumento da rentabilidade das explorações agrícolas.

*Tabela 13 - Valor da produção padrão total (€) das explorações agrícolas*

	2009	2019
VPPT	67 150 543	108 709 799

Fonte: INE, Recenseamento agrícola - 2019

#### 2.1.10. Culturas produzidas (cultura, produção, superfície ocupada)

A região do Tâmega e Sousa caracteriza-se por uma grande diversidade produtiva, abrangendo tanto **culturas permanentes** (como vinha e fruticultura) quanto **culturas temporárias** (hortícolas e cereais). A sua **variedade agroclimática** permite a produção de produtos de **elevada qualidade**, muitos dos quais possuem certificação de origem (DOP e IGP), sendo fundamentais para a economia local e para a identidade gastronómica da região.

Abaixo, apresenta-se um levantamento das principais culturas da região, considerando a sua produção, superfície ocupada e relevância económica.

### *Culturas Permanentes*

Estas culturas ocupam uma parte significativa da Superfície Agrícola Utilizada (SAU), destacando-se pela sua importância económica e pelo impacto na agroindústria regional.

*Tabela 14 - Culturas permanentes*

Cultura	Produção	Superfície	Observações
Vinha (Vinho Verde DOC)	Elevada	Considerável	Principal cultura da região, com impacto na exportação e enoturismo
Kiwi	Crescente	Em expansão	Forte aposta nos últimos anos, beneficiando das condições climáticas favoráveis
Castanha	Moderada	Expansão Gradual	Produção concentrada em áreas montanhosas, com potencial de crescimento
Macieiras (Maçã Regional)	Moderada	Média	Produção direcionada para consumo em fresco e transformação (sumos e sidra)
Citrinos (Laranja e Limão)	Moderada	Pequena	Produção localizada, com mercado regional consolidado
Olival	Baixa	Reduzida	Produção residual, com tendência de crescimento em resposta à valorização do azeite nacional

### *Culturas Temporárias*

As culturas temporárias desempenham um papel relevante, tanto para o abastecimento do mercado local como para a agroindústria.

Tabela 15 - Culturas temporárias

Cultura	Produção Anual Estimada	Superfície Ocupada	Observações
Hortícolas (ex. Couves, Alfaces, Tomate, Pimentos)	Elevada	Média	Produção destinada ao consumo interno e mercado regional
Milho-grão	Moderada	Média	Utilizado para alimentação animal e transformação agroindustrial
Batata	Moderada	Média	Produção relevante para autoconsumo e mercado regional.
Cebola (Garrafal de Penafiel)	Baixa	Pequena	Produção de nicho, valorizada pela sua qualidade diferenciada
Feijão e Leguminosas	Moderada	Pequena	Produção tradicional, essencial na gastronomia local.
Pequenos Frutos (Mirtilo, Framboesa, Amora)	Crescente	Expansão significativa	Cultura em crescimento, com elevado valor de mercado.
Eervas Aromáticas e Medicinais	Baixa	Pequena	Produção associada a práticas biológicas e circuitos curtos de comercialização.

### Culturas em Modo de Produção Biológico

A agricultura biológica tem vindo a crescer na região, especialmente em setores como:

1. Hortícolas e frutos de pequena baga (mirtilos, framboesas, amoras, morangos, cerejas)
2. Frutos secos (castanha, noz, amêndoas)
3. Plantas aromáticas e medicinais

Apesar do **crescimento progressivo da produção biológica**, ainda existe um grande potencial para a sua expansão e valorização, sobretudo no contexto da transição para a Bio-região do Tâmega e Sousa.

A diversificação das culturas e a valorização dos produtos regionais certificados são **fatores estratégicos para a sustentabilidade e competitividade do setor agroalimentar da região**. O desenvolvimento da Bio-região permitirá reforçar a aposta em culturas sustentáveis e diferenciadas, criando oportunidades para novos mercados e cadeias curtas de comercialização.

## 2.2. Estrutura Demográfica, Mercado de Trabalho e Qualificações

### 2.2.1. Estrutura demográfica

A sub-região do Tâmega e Sousa, localizada na Região Norte de Portugal, conta com uma população aproximada de 410 000 habitantes e uma densidade populacional de 223 habitantes por km<sup>2</sup>. Representa 4% da população residente em Portugal e 11,4% da população da Região Norte, sendo a segunda sub-região mais populosa desta região, apenas ultrapassada pela Área Metropolitana do Porto. De acordo com o Instituto Nacional de Estatística (INE), destaca-se por ser a sub-região do país mais jovem.

O Tâmega e Sousa é composto por 11 municípios: Amarante, Baião, Castelo de Paiva, Celorico de Basto, Cinfães, Felgueiras, Lousada, Marco de Canaveses, Paços de Ferreira, Penafiel e Resende. Administrativamente, estes concelhos distribuem-se por quatro distritos: Aveiro, Braga, Porto e Viseu. A população está concentrada sobretudo nos concelhos mais industriais e urbanos, como Felgueiras, Paços de Ferreira, Lousada e

Penafiel. Os municípios mais rurais, como Baião, Cinfães e Resende, têm uma baixa densidade populacional e registam um êxodo rural mais acentuado.

Nas últimas décadas, verificou-se um movimento migratório em direção às cidades do litoral, principalmente Porto e Braga, onde há mais oportunidades de emprego. Apesar disso, a melhoria de infraestruturas rodoviárias (como a A4 e A11) têm facilitado a mobilidade diária, permitindo que muitas pessoas residam na sub-região Tâmega e Sousa e trabalhem noutras regiões.

Há também um crescente regresso de emigrantes, especialmente em setores ligados ao investimento imobiliário e ao turismo rural.

A estrutura demográfica jovem continua a ser uma vantagem competitiva, especialmente para setores que necessitam de mão de obra qualificada e inovação. No entanto, o despovoamento das áreas rurais e o envelhecimento gradual da população exigem políticas de fixação de jovens, nomeadamente através da diversificação económica e melhoria dos serviços públicos.

A apostar no setor agroalimentar, turismo e indústria tecnológica pode ser uma estratégia para combater o despovoamento e promover o crescimento sustentável da região.

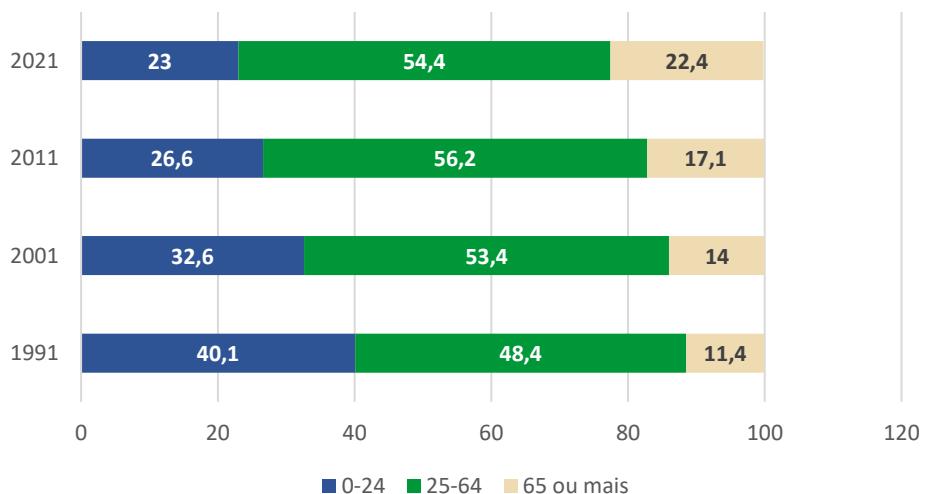


Figura 2 - Estrutura etária da população residente do Norte entre 1991 e 2021 (valores em % do total)

Fonte: INE

## 2.2.2. Emprego por setor de atividade

A economia do Tâmega e Sousa caracteriza-se por uma forte presença da indústria transformadora, um setor agrícola relevante e um crescimento progressivo dos serviços, incluindo o turismo, refletindo-se esta dinâmica na estrutura do emprego, que varia entre concelhos mais urbanos e industriais, e outros de características predominantemente rurais. A sub-região destaca-se pela elevada concentração de indústria, nomeadamente nos setores do calçado, têxtil e mobiliário, e pela forte atividade agrícola, com especial incidência na produção agroalimentar e de vinhos. Nos últimos anos, tem-se assistido a uma crescente valorização do setor do turismo, impulsionada pelo património natural, cultural e gastronómico da região, contribuindo para a diversificação da economia local.

O **setor primário**, englobando a agricultura, a silvicultura e a pesca, representa cerca de 2 a 5% do emprego total na região, um valor superior à média nacional (2,8%), tendo maior expressão nos concelhos mais rurais, como Resende, Penafiel e Amarante, onde a produção de vinho, fruta e pecuária assume um papel preponderante. A agricultura mantém-se essencialmente de pequena escala e cariz familiar, enfrentando desafios significativos como o envelhecimento da população agrícola e a dificuldade em atrair jovens para o setor. No entanto, verifica-se um crescimento gradual da agricultura biológica e sustentável, dinamizado por incentivos da Política Agrícola Comum (PAC) e por uma procura crescente de produtos diferenciados e de maior valor acrescentado.

O **setor secundário**, abrangendo a indústria, a construção e a energia, é o principal motor económico da região, empregando 48% da população ativa, com a indústria transformadora a liderar o emprego (Tabela 16). A produção de calçado, com forte incidência em Felgueiras, o setor têxtil e vestuário, concentrado em Lousada e Paços de Ferreira, a indústria do mobiliário e madeira, particularmente relevante em Paços de Ferreira, e a metalomecânica e construção civil, distribuídas por toda a região, são os principais polos industriais. A construção civil mantém um peso significativo na economia, impulsionada pelo crescimento do setor imobiliário e pelo aumento dos projetos de reabilitação urbana, que têm dinamizado a criação de emprego e a modernização da infraestrutura regional.

O **setor terciário**, que engloba o comércio, os serviços e o turismo, emprega quase 50% da população e tem registado um crescimento expressivo nas últimas décadas, especialmente nos concelhos mais urbanos, como Penafiel, Amarante e Marco de Canaveses. O comércio e o retalho possuem uma presença forte, com redes de supermercados e lojas de proximidade que dinamizam a economia local, especialmente em Felgueiras, Lousada e Penafiel. Paralelamente, os setores da saúde e da educação encontram-se em expansão, acompanhando o aumento da oferta de serviços públicos e privados na região. O turismo, sobretudo nas vertentes rural e gastronómica, tem vindo a afirmar-se como uma atividade estratégica, impulsionando o crescimento da hotelaria, da restauração e das atividades culturais, particularmente em Amarante, Baião e Cinfães, onde a riqueza patrimonial e paisagística atrai um número crescente de visitantes.

*Tabela 16 - População empregada por setor de atividade económica, em 2021*

Concelho	Setor Primário	Setor Secundário	Setor Terciário (social)	Setor Terciário (económico)	Total
Amarante	497	8 567	5 607	6 513	21 184
Baião	349	2 721	1 621	1 744	6 435
Castelo de Paiva	190	3 155	1 575	1 579	6 499
Celorico de Basto	356	2 792	1 826	1 923	6 897
Cinfães	337	2 596	1 638	1 529	6 100
Felgueiras	384	16 110	4 143	6 011	26 648
Lousada	254	11 461	4 008	6 697	22 420
Marco de Canaveses	363	9 714	4 169	5 969	20 215
Paços de Ferreira	128	13 886	4 539	8 020	26 573
Penafiel	470	13 442	7 322	9 373	30 607
Resende	589	818	1 160	880	3 447

Tâmega e Sousa	3 917	85 262	37 608	50 238	177 025
----------------	-------	--------	--------	--------	---------

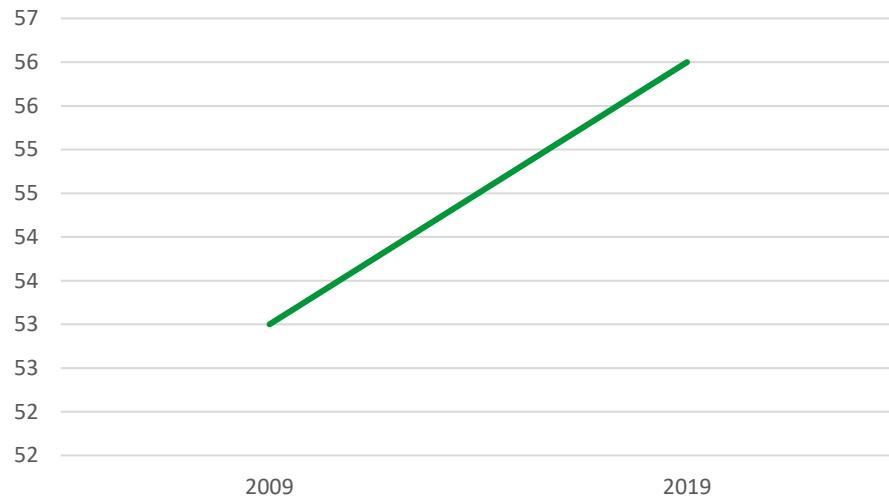
Fonte: INE, Recenseamento da população e habitação - Censos 2021

Apesar destas dinâmicas positivas, a região enfrenta desafios estruturais que limitam o seu desenvolvimento pleno, nomeadamente um nível médio de escolaridade ainda abaixo da média nacional, que afeta a qualificação da mão de obra e a capacidade de inovação das empresas. A dificuldade em reter talento jovem, que frequentemente migra para as áreas metropolitanas do Porto e Braga em busca de melhores oportunidades, representa uma ameaça à renovação do tecido empresarial e à sustentabilidade do mercado de trabalho local. A forte dependência de mão de obra pouco qualificada na indústria e na agricultura constitui outro entrave à modernização e à competitividade dos setores produtivos. Ainda que o empreendedorismo e o trabalho remoto estejam a crescer, estas tendências têm, até ao momento, uma expressão reduzida face ao peso dos setores tradicionais, exigindo uma aposta estratégica na diversificação da economia e na captação de investimentos que permitam estimular a inovação, aumentar a produtividade e reforçar a atratividade do Tâmega e Sousa como território de oportunidades.

### 2.2.3. Características do Emprego Agrícola

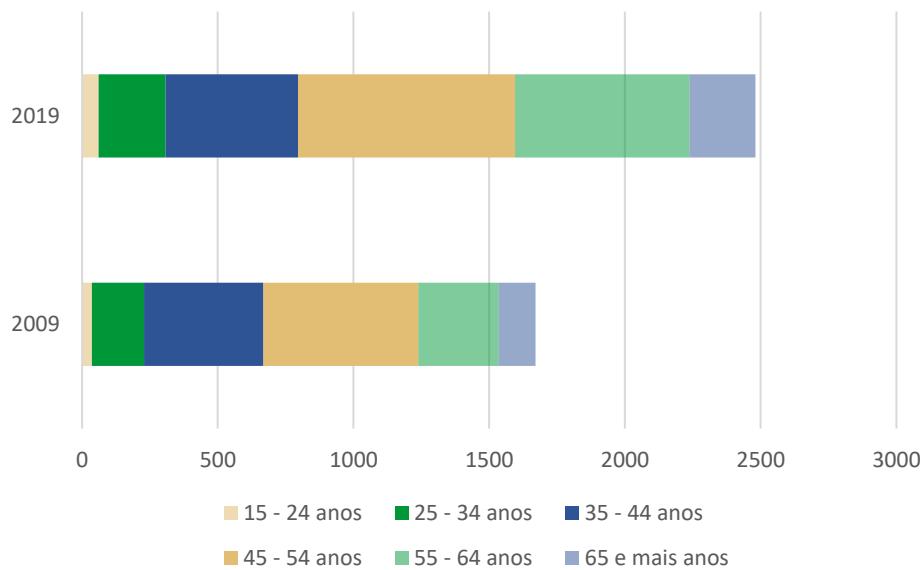
A agricultura na região é caracterizada, em grande parte, por explorações de pequena dimensão e de base familiar, onde prevalecem baixos níveis de mecanização e uma forte dependência do trabalho manual. A predominância da viticultura, da fruticultura e da pecuária impõe uma forte sazonalidade ao emprego, com picos de procura de mão de obra em momentos estratégicos do ciclo produtivo, como as vindimas e a colheita de frutas. No entanto, um dos desafios mais prementes do setor é a estrutura etária da população agrícola, marcada por um envelhecimento contínuo. A maior parte dos agricultores pertence a faixas etárias mais avançadas, com uma presença significativa de trabalhadores acima dos 55 anos e uma escassa renovação por parte das gerações mais jovens. A baixa adesão da juventude ao setor compromete não apenas a sucessão familiar nas explorações, mas também a adoção de novas práticas e tecnologias,

dificultando a modernização e a competitividade da agricultura regional (Gráficos 3 e 4). Esta realidade, contribui fortemente para que a maioria dos agricultores no ativo possua baixas qualificações, não dispor da formação necessária em gestão, planeamento da produção e controlo de custos.



*Figura 3 - Idade média da mão-de-obra familiar*

Fonte: INE, Recenseamento agrícola – 2019



*Figura 4 - Mão-de-obra agrícola não familiar permanente (Nº) por grupo etário*

Fonte: INE, Recenseamento agrícola – séries históricas

## 2.3. Dinâmicas Económicas na Indústria Agroalimentar

### 2.3.1. Caracterização da Indústria Agroalimentar

A indústria agroalimentar no Tâmega e Sousa desempenha um **papel estratégico** na economia regional, agregando valor à produção agrícola e pecuária e promovendo a valorização dos produtos endógenos. A sua importância reflete-se não só na **transformação e comercialização de produtos locais**, mas também no impulso ao **desenvolvimento rural, na criação de emprego e na dinamização do turismo gastronómico**.

A indústria agroalimentar da região caracteriza-se pela diversidade de setores, cada um com um impacto económico e cultural significativo, sendo o Vinho Verde DOC o produto agroalimentar mais exportado da região, impulsionado por uma crescente procura nos mercados internacionais, o que se reflete no valor acrescentado bruto e no volume de negócios das empresas vitícolas e produtoras de vinhos comuns e licorosos (Tabela 17).

A pecuária na região contribui para uma indústria de **carnes certificadas**, nomeadamente a Carne Maronesa DOP, a Carne Arouquesa DOP, a Carne Barrosã DOP e o Capão de Freamunde IG, que se reflete no valor acrescentado bruto e no volume de negócios da criação de outros bovinos e da avicultura, conforme evidenciado na Tabela 17. Além disso, a produção de **fumeiro tradicional**, incluindo presuntos, chouriços e alheiras, tem uma elevada procura no mercado nacional, o que se traduz num impacto significativo no valor acrescentado bruto e no volume de negócios da suinicultura, também analisado na Tabela 17.

A **indústria do leite e derivados** tem um peso importante na economia regional, considerando o valor acrescentado bruto e o volume de negócios da indústria do leite e derivados, ainda que com menor expressão do que noutras regiões do país (Tabela 17). Verificando-se ainda a produção de queijos tradicionais e derivados lácteos, com potencial para certificação e valorização no mercado gourmet.

A produção de **kiwi, maçã, citrinos e castanha** tem vindo a crescer, com investimentos crescentes na sua transformação para sumos, compotas e frutas desidratadas, sendo

especialmente relevante no caso dos frutos tropicais e dos citrinos, onde o valor acrescentado bruto e o volume de negócios são mais elevados, de acordo com a Tabela 17. Enquanto os **pequenos frutos**, como mirtilos, framboesas, amoras, morangos e cerejas, têm ganho importância devido ao seu elevado valor de mercado e potencial exportador, refletindo-se no valor acrescentado bruto e no volume de negócios das empresas produtoras de outros frutos em árvores e arbustos, também analisados na Tabela 17.

A **panificação e a doçaria regional** representam um setor dinâmico, com um elevado número de empresas, um significativo valor acrescentado bruto e um grande volume de negócios, além de uma forte tradição na produção de pão artesanal, destacando-se o Pão de Padronelo e o Pão de Ló de Margaride IGP. Enquanto a doçaria conventual e tradicional inclui produtos emblemáticos como os Doces Conventuais de Amarante, as Cavacas de Resende e o Biscoito da Teixeira, sendo o impacto económico deste setor evidenciado na Tabela 17.

A indústria agroalimentar da região é composta por um grande número de pequenas e médias empresas, muitas delas de cariz familiar, verificando-se um dinamismo crescente na modernização das unidades de transformação, com investimentos em inovação e certificação. A integração em cadeias de valor, como supermercados, mercados especializados e exportação, tem sido um desafio, embora haja tendências positivas no acesso a novos mercados, sendo que a digitalização e o e-commerce estão a ganhar relevância na comercialização de produtos agroalimentares da região.

A Indústria Agroalimentar no Tâmega e Sousa engloba diversas atividades económicas que refletem a diversidade produtiva da região, abrangendo desde a produção primária até à transformação e comercialização de produtos agroalimentares. Com a transição para uma Bio-região, a indústria agroalimentar poderá valorizar produtos sustentáveis e certificados, como DOP, IGP e biológicos, para nichos de mercado especializados, expandir práticas de transformação ecológica, reduzindo desperdícios e promovendo a economia circular, além de apostar na inovação e no turismo gastronómico para diferenciar a região e captar novos públicos. No entanto, há desafios a enfrentar, como a dificuldade na certificação biológica, com custos, como custos energéticos, e

burocracia elevados, a necessidade de redes de comercialização eficientes, reduzindo a dependência de intermediários, e o aumento da competitividade global, que exige inovação e diferenciação dos produtos.

A indústria agroalimentar do Tâmega e Sousa tem grande potencial de crescimento, sobretudo no contexto da transição para uma Bio-região, onde a valorização da produção sustentável, da qualidade certificada e das cadeias curtas de comercialização pode reforçar a sua sustentabilidade e competitividade no longo prazo.

*Tabela 17 – Número de empresas, Valor Acresentado Bruto, Volume de Negócios e Pessoal ao serviço remunerado da indústria agroalimentar, em 2023*

Setor	Número de empresas	VAB (€)	Volume de Negócios (€)	Pessoal ao serviço remunerado
Cerealicultura (exceto arroz)	51	-	-	-
Cultura de leguminosas secas e sementes oleaginosas	62	239 820	609 206	-
Cultura de arroz	1	-	-	-
Cultura de produtos hortícolas, raízes e tubérculos	152	-	-	-
Cultura de flores e plantas ornamentais	25	1 695 267	4 282 447	70
Outras culturas temporárias, n.e.	168	-	-	-
Viticultura	1 366	7 960 725	23 337 778	228
Cultura de frutos tropicais e subtropicais	17	281 760	789 979	4
Cultura de citrinos	25	297 402	5 459 732	15
Cultura de pomóideas e prunóideas	32	252 565	554 428	8
Cultura de frutos de casca rija	15	19 783	66 042	-
Cultura de outros frutos em árvores e arbustos	309	6 753 302	17 348 152	270
Olivicultura	15	16 940	159 695	1

Setor	Número de empresas	VAB (€)	Volume de Negócios (€)	Pessoal ao serviço remunerado
Cultura de especiarias, plantas, aromáticas, medicinais e farmacêuticas	11	13 848	94 863	9
Outras culturas permanentes	181	453 009	1 586 964	14
Cultura de materiais de propagação vegetativa	2	-	-	-
Criação de bovinos para produção de leite	27	1 583 931	5 703 418	27
Criação de outros bovinos (exceto para a produção de leite) e búfalos	305	748 670	2 834 145	9
Criação de equinos, asininos e muares	9	32 667	367 983	3
Criação de ovinos e caprinos	24	13 391	56 652	3
Suinicultura	9	113 992	471 951	4
Avicultura	11	1 246 014	5 426 799	20
Apicultura	38	461 871	1 088 422	28
Criação de animais de companhia	9	18 449	46 868	-
Outra produção animal, n.e.	18	155 878	452 770	3
Agricultura e produção animal combinadas	383	-	-	-
Atividades dos serviços relacionados com a agricultura	278	6 161 085	12 595 631	320
Atividades dos serviços relacionados com a produção animal, exceto serviços de veterinária	11	-	-	-
Preparação de produtos agrícolas para venda	2	-	-	-

Setor	Número de empresas	VAB (€)	Volume de Negócios (€)	Pessoal ao serviço remunerado
Silvicultura e outras atividades florestais	33	509 333	1 121 140	20
Exploração florestal	108	4 609 064	11 716 695	183
Extração de cortiça, resina e apanha de outros produtos florestais, exceto madeira	4	93 875	183 744	2
Atividades dos serviços relacionados com a silvicultura e exploração florestal	33	1 820 881	3 341 891	88
Pesca marítima	1	-	-	-
Pesca em águas interiores	5	1 505	3 818	-
Aquicultura em águas salgadas e salobras	2	-	-	-
Abate de gado (produção de carne)	7	2 620 423	18 658 510	114
Abate de aves (produção de carne)	1	-	-	-
Fabricação de produtos à base de carne	15	-	-	-
Fabricação de sumos de frutos e produtos hortícolas	1	-	-	-
Fabricação de doces, compotas, geleias e marmelada	9	4 610	114 884	2
Preparação e conservação de frutos e produtos hortícolas por outros processos	3	-	-	-
Produção de azeite	4	-	-	-
Produção de óleos vegetais brutos (exceto azeite)	1	-	-	-
Indústrias do leite e derivados	4	596 813	3 031 849	56

Setor	Número de empresas	VAB (€)	Volume de Negócios (€)	Pessoal ao serviço remunerado
Fabricação de gelados e sorvetes	3	32 138	108 175	7
Moagem de cereais	1	-	-	-
Panificação	139	15 738 472	37 275 786	964
Pastelaria	78	4 702 272	12 054 738	258
Fabricação de bolachas, biscoitos, tostas e pastelaria de conservação	8	303 140	1 072 515	25
Fabricação de produtos de confeitaria	8	163 731	313 630	6
Indústria do café e do chá	1	-	-	-
Fabricação de condimentos e temperos	1	-	-	-
Fabricação de refeições e pratos pré-cozinhados	2	-	-	-
Fabricação de alimentos homogeneizados e dietéticos	1	-	-	-
Fabricação de outros produtos alimentares diversos, n.e.	3	-	-	-
Fabricação de aguardentes preparadas	1	-	-	-
Fabricação de aguardentes não preparadas	9	3 821	9 530	
Produção de licores e de outras bebidas destiladas	6			
Produção de vinhos comuns e licorosos	106	28 016 791	106 733 722	486
Fabricante de vermutes e outras bebidas fermentadas não destiladas	1			
Fabricação de cerveja	3	5 162	11 464	

Setor	Número de empresas	VAB (€)	Volume de Negócios (€)	Pessoal ao serviço remunerado
Engarrafamento de águas minerais naturais e de nascente	2			

Fonte: INE, Sistema de contas integradas das empresas

### 2.3.2. Evolução da Indústria Agroalimentar

A indústria agroalimentar no Tâmega e Sousa tem registado um crescimento notável nas últimas décadas, impulsionado pela modernização das explorações agrícolas, pela crescente valorização dos produtos regionais e pelo fortalecimento de práticas sustentáveis. Este desenvolvimento tem permitido não apenas a diversificação da produção, mas também a consolidação da região como um polo de excelência na transformação agroalimentar, destacando-se pela qualidade dos seus produtos e pelo reforço da identidade territorial.

#### 2.3.2.1. Crescimento da Transformação Agroalimentar

O setor da transformação agroalimentar tem acompanhado a evolução das cadeias de valor, impulsionado por investimentos em inovação e certificação. Entre 2022 e 2023 o valor acrescentado bruto do setor da agricultura, produção animal, caça, floresta e pesca aumentou 17,72%. A produção de vinhos, carnes, laticínios e outros produtos tradicionais tem sido fortalecida por processos de modernização que garantem maior eficiência e competitividade. Produtos emblemáticos, como enchidos, queijos e compotas, desempenham um papel fundamental na valorização dos recursos locais, promovendo a identidade gastronómica da região e impulsionando a economia rural.

O **Vinho Verde DOC**, com origem em várias sub-regiões do Tâmega e Sousa, continua a ganhar reconhecimento nacional e internacional, beneficiando de certificações de qualidade e de uma crescente procura por vinhos autênticos e diferenciados. Paralelamente, as carnes com Denominação de Origem Protegida (DOP), como a

Maronesa, a Barrosã e a Arouquesa, reforçam a reputação da região no setor agroalimentar, garantindo padrões elevados de produção e comercialização.

#### *2.3.2.2. Modernização e Inovação*

A incorporação de tecnologia tem sido um fator determinante para o crescimento do setor agroalimentar, permitindo a automação dos processos e garantindo maior eficiência na produção e distribuição. A adoção de novos modelos de comercialização, como o e-commerce, tem facilitado o acesso a mercados nacionais e internacionais, respondendo às tendências de consumo e impulsionando a exportação.

A modernização também se reflete na agricultura de precisão, que utiliza sensores e análise de dados para otimizar a produção e minimizar desperdícios. Paralelamente, a implementação de práticas sustentáveis, como a redução do uso de químicos e a rotação de culturas, reforça o compromisso da região com a transição para um modelo agroalimentar mais ecológico.

Estudos recentes e iniciativas como o projeto AGROCONNECT demonstram que essas inovações são fundamentais para aumentar a produtividade, melhorar a gestão dos recursos e expandir as oportunidades comerciais. A integração entre tecnologia e sustentabilidade tem se mostrado essencial para fortalecer a competitividade do setor e garantir sua adaptação aos desafios atuais e futuros.

#### *2.3.2.3. Expansão da Agricultura Biológica e Sustentável*

Nos últimos anos, tem-se verificado um crescimento gradual das explorações em modo de produção biológico, refletindo uma maior preocupação com a sustentabilidade ambiental, mas também uma adaptação às novas exigências do mercado. O interesse crescente por produtos de origem biológica tem sido impulsionado por fundos europeus e incentivos da Política Agrícola Comum (PAC), que promovem a conversão de explorações convencionais para sistemas de produção mais sustentáveis.

Contudo, o setor enfrenta desafios importantes, como os custos elevados de certificação, a complexidade burocrática associada ao reconhecimento de produtos biológicos e as dificuldades na distribuição e comercialização. Ainda assim, a crescente

procura por produtos diferenciados e de elevada qualidade representa uma oportunidade significativa para os produtores locais.

#### *2.3.2.4. Exportação e Internacionalização*

A internacionalização tem sido uma das apostas estratégicas para o crescimento da indústria agroalimentar no Tâmega e Sousa. Produtos como o Vinho Verde DOC e as carnes DOP têm consolidado a sua presença em mercados externos, beneficiando do reconhecimento da qualidade e autenticidade dos produtos regionais. A certificação tem desempenhado um papel crucial nesse processo, garantindo que os produtos cumprem os requisitos necessários para competir a nível global.

Além disso, o turismo gastronómico e rural tem vindo a desempenhar um papel relevante na promoção dos produtos locais, atraindo consumidores interessados em experiências autênticas e sustentáveis. Segundo os dados do INE, o número de dormidas em turismo em espaço rural e de habitação aumentou 75,43% entre 2019 e 2023, subindo de 91 481 para 160 487 dormidas. A valorização da gastronomia tradicional e o fortalecimento das ligações entre produtores, restaurantes e hotéis têm contribuído para a dinamização do setor, criando novas oportunidades de negócio. A ligação entre turismo e exportação tem-se revelado um fator estratégico na promoção dos produtos agroalimentares do Tâmega e Sousa. As paisagens naturais, caracterizadas pelos rios Douro e Tâmega, e pelo complexo montanhoso do Marão, e os ativos culturais, como a rota do Românico, atraem inúmeros visitantes ao território. A presença crescente de visitantes estrangeiros na região não só impulsiona o consumo local, como também aumenta o reconhecimento internacional dos produtos regionais, estimulando a sua procura nos mercados externos.

Os roteiros enogastronómicos, as visitas a quintas e adegas e os eventos gastronómicos têm desempenhado um papel essencial na divulgação da identidade alimentar do território, funcionando como uma montra para os mercados internacionais. Além disso, a participação de produtores locais em feiras e certames internacionais, aliada à promoção digital dos produtores através de plataformas de turismo e comércio online, tem fortalecido a sua presença global.

A aposta na valorização da autenticidade e qualidade dos produtos regionais, associada ao crescimento do turismo sustentável, contribui para a criação de sinergias entre o setor agroalimentar e a economia turística, reforçando a atratividade do Tâmega e Sousa como destino enogastronómico de referência.

#### *2.3.2.5. Desafios e Oportunidades*

O setor agroalimentar na região enfrenta desafios estruturais que exigem respostas inovadoras e estratégicas. Entre os principais obstáculos, destacam-se a **pequena dimensão das explorações**, que dificulta a escalabilidade da produção, a **burocracia associada à certificação e aos apoios financeiros**, que pode desincentivar os produtores, e a **escassez de mão de obra qualificada**, um problema crescente no setor agroindustrial.

No entanto, há também oportunidades claras para o crescimento e valorização da produção local. O aumento da procura por **produtos biológicos e de origem certificada** representa uma tendência favorável para os produtores que apostam na diferenciação e na sustentabilidade. O reforço da ligação entre a produção agroalimentar e o **turismo gastronómico e rural** pode abrir novas portas para a comercialização e valorização dos produtos regionais. Além disso, o estímulo à inovação através de parcerias entre produtores, universidades e instituições públicas pode facilitar o **desenvolvimento de novos produtos e processos, contribuindo para a competitividade do setor**.

A evolução da indústria agroalimentar no Tâmega e Sousa reflete um setor dinâmico e em constante transformação, com desafios significativos, mas também com um potencial de crescimento assente na valorização da produção local, na inovação tecnológica e na consolidação da região como uma **Bio-região** de referência. O futuro do setor dependerá da capacidade de adaptação às novas exigências do mercado, do investimento contínuo em qualidade e inovação e da aposta na sustentabilidade como fator diferenciador.

## 2.4. Ativos Naturais da Região

### 2.4.1 Serras

A região do Tâmega e Sousa integra quatro complexos montanhosos que fazem parte do Sistema Montanhoso Galaico-Português. O mais elevado é a serra do Marão (1 415 metros), situada no extremo nordeste do concelho de Baião e no extremo este de Amarante. Seguem-se a serra de Montemuro, com 1 382 metros de altura, situada em Resende e no extremo sul de Cinfães, e a serra da Aboboreira, com 972 metros de altura, situada na fronteira entre três concelhos: Amarante, Baião e Marco de Canaveses. Por fim, há ainda que referir a serra de Castelo de Matos (970 metros) situada no concelho de Baião.

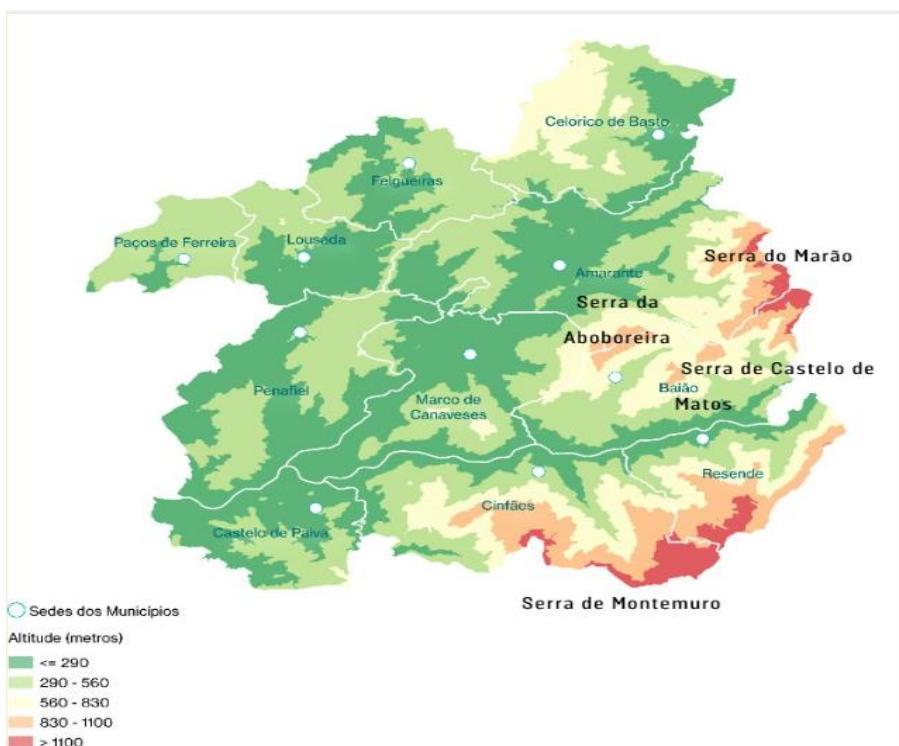
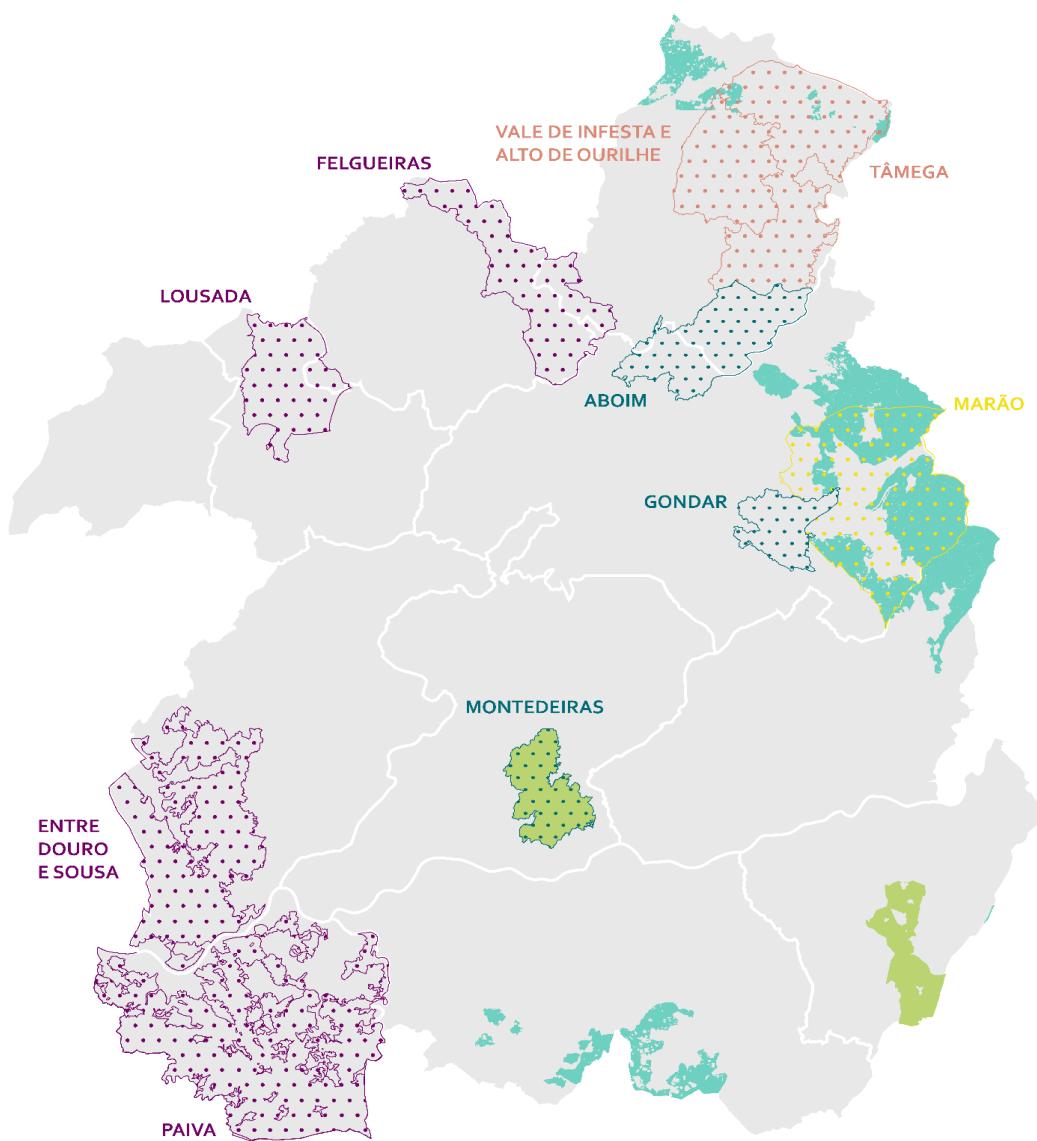


Figura 5 - Mapa hipsométrico da região do Tâmega e Sousa

Fonte: Serviço de Monitorização da Terra da Copernicus

### 2.4.2 Zonas de Intervenção florestal

A região do Tâmega e Sousa inclui 10 Zonas de Intervenção Florestal: Entre Douro e Sousa, Paiva, Lousada, Felgueiras, Aboim, Vale de Infesta e Alto de Ourilhe, Tâmega, Gondar, Marão e Montedeiras.



#### Modelos e Gestão Florestal

- ZIF's geridas pela Associação Florestal do Vale do Sousa
- ZIF's geridas pela Cooperbasto – Cooperativa Agrícola de Basto
- ZIF's geridas pela Associação Florestal de Entre Douro e Tâmega (AFEDT)
- ZIF gerida pelo Secretariado dos Baldios de Trás-os-Montes e Alto Douro
- Baldios TS
- AIGP's

Figura 6 - Zonas de intervenção florestal, baldios e áreas integradas de gestão da paisagem na região do Tâmega e Sousa

Fonte: ICNF

### 2.4.3 Zonas Protegidas (Rede Natura 2000)

É possível ainda identificar nesta sub-região três áreas classificadas na Rede Natura 2000 como Sítios de Importância Comunitária (SIC): o Rio Paiva, a Serra de Montemuro e o Parque Natural do Alvão/Serra do Marão. Esta classificação visa assegurar a manutenção da Biodiversidade, através da conservação dos habitats naturais e dos habitats de espécies da flora e fauna selvagens, considerados ameaçados.

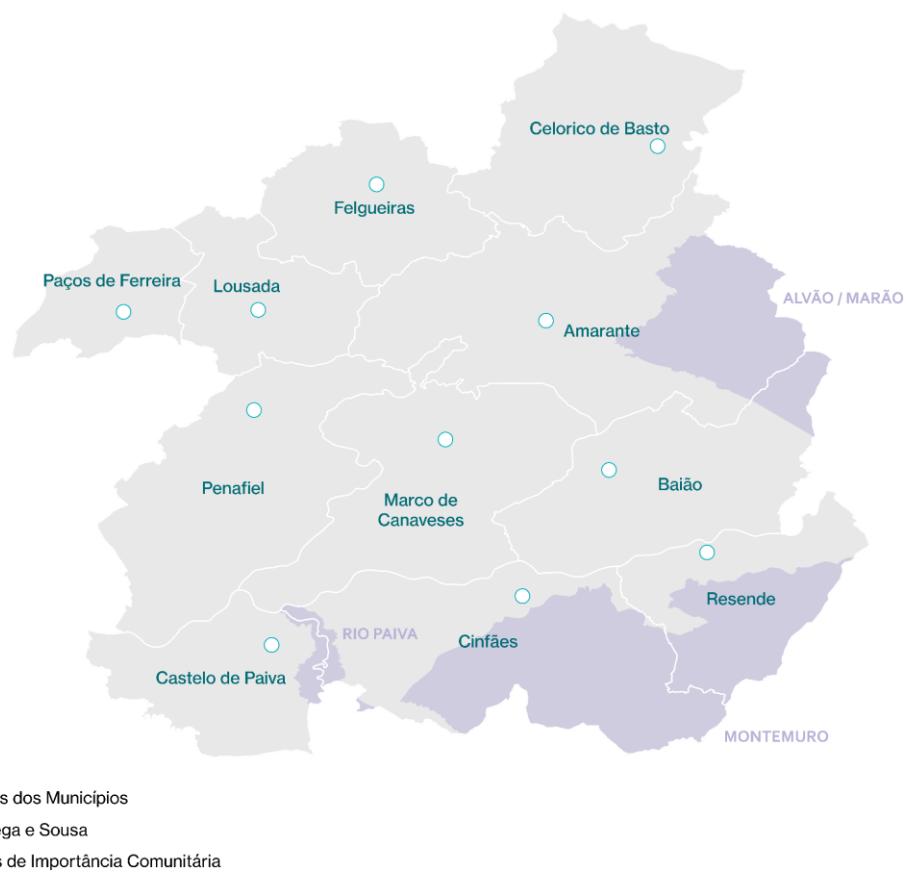


Figura 7 - Sítios de Importância Comunitária na região do Tâmega e Sousa

Fonte: ICNF

### 3. Análise SWOT da Bio-região do Tâmega e Sousa

A análise SWOT apresentada visa a compilação das conclusões do diagnóstico estratégico do setor agroalimentar do Tâmega e Sousa, de forma a perceber o estado da arte atual e a perspetivar uma estratégia regional de desenvolvimento e crescimento destas atividades.

Forças
<ul style="list-style-type: none"><li>● Presença de produtos agroalimentares de elevada qualidade e com certificação DOP e IGP, como as carnes das raças Maronesa, Barrosã e Arouquesa, o Capão de Freamunde e o Cabrito das Terras Altas do Minho.</li><li>● Produção agroalimentar com elevado potencial de exportação, destacando-se o vinho verde e espécies frutícolas como o kiwi e os mirtilos.</li><li>● Crescimento significativo do investimento agrícola na última década, nomeadamente em setores emergentes como a produção de vinho verde, kiwi, mirtilos, e hortícolas em Modo de Produção Biológico (MPB).</li><li>● Riqueza natural e paisagística, com ecossistemas diversificados, áreas protegidas e paisagens rurais propícias à agricultura sustentável.</li><li>● Forte identidade agrícola e gastronómica, com tradição na produção de vinhos, frutas e outros produtos endógenos.</li><li>● Crescimento progressivo da agricultura biológica, impulsionado por incentivos da Política Agrícola Comum (PAC) e pelo aumento da procura por produtos sustentáveis.</li><li>● Existência de uma rede dinâmica de cooperativas, associações e produtores que promovem práticas sustentáveis e valorizam a produção local.</li><li>● Apoios e enquadramento estratégico favorável ao desenvolvimento sustentável, com acesso a fundos europeus para a promoção da bioeconomia.</li><li>● Diversidade de iniciativas públicas e privadas que impulsionam o setor agroalimentar e a sua ligação ao turismo.</li><li>● Elevado potencial turístico do território, fruto dos ativos naturais e culturais distintos (rios Douro e Tâmega, complexo montanhoso do Marão, Rota do Românico, etc.).</li><li>● Conjunto diversificado de atividades agroalimentares e produção de artesanato desenvolvidas na região.</li></ul>

## Fraquezas

- Pequenos produtores com reduzido poder negocial na cadeia de valor e fraca organização setorial.
- Dimensão limitada das explorações agrícolas, comprometendo a viabilidade económica e dificultando a competitividade.
- Baixa capacitação técnica dos produtores, com défice de formação em gestão agrícola, planeamento da produção e controlo de custos.
- Baixa produtividade, associada à falta de inovação nos processos produtivos.
- Declínio do número de explorações agrícolas nas últimas décadas.
- Dificuldade de padronização e regularidade da oferta, afetando a integração em cadeias de distribuição de maior escala.
- Falta de articulação entre o setor agroalimentar e o turismo, com reduzida incorporação de produtos regionais na restauração e hotelaria.
- Escassez de terras disponíveis para expansão agrícola, dificultando o crescimento de novos projetos.
- Dificuldade na atração de mão de obra jovem, devido à percepção de baixos rendimentos e condições pouco atrativas no setor agrícola.
- Dependência excessiva do fator preço para a competitividade, limitando a valorização dos produtos.

## Oportunidades

- Crescente procura por produtos biológicos e sustentáveis, impulsionada pela maior consciência ambiental e pelo interesse dos consumidores em alimentação saudável.
- Potencial de valorização da Bio-região através do turismo sustentável, incluindo enoturismo, agroturismo e circuitos curtos de comercialização.
- Possibilidade de certificação e valorização de produtos locais com DOP, IGP e certificação biológica, aumentando a sua competitividade e diferenciação no mercado.
- Existência de incentivos nacionais/ europeus para inovação, modernização agrícola e certificação da produção biológica.

- Proximidade a grandes centros urbanos e turísticos (Porto, Braga, Guimarães e Douro), facilitando a promoção e comercialização de produtos agroalimentares regionais.
- Potencial de desenvolvimento de um cluster agroalimentar na região, promovendo sinergias entre empresas, produtores e instituições de investigação.
- Fortalecimento da cooperação entre produtores, universidades e entidades públicas para impulsionar a bioeconomia e a transição para modelos de produção mais sustentáveis.
- Crescimento do turismo de experiências e do turismo gastronómico.

### Ameaças

- Fenómenos climáticos extremos que afetam a produtividade agrícola.
- Risco de pragas e doenças que comprometem a rentabilidade das explorações agrícolas.
- Forte concorrência dos produtos convencionais, que apresentam custos de produção mais baixos.
- Burocracia e complexidade nos processos de certificação biológica, tornando-os demorados e dispendiosos para pequenos produtores.
- Flutuações de mercado e dependência de subsídios, tornando a produção biológica vulnerável a mudanças nas políticas agrícolas.
- Envelhecimento demográfico e êxodo rural, reduzindo a disponibilidade de mão de obra qualificada e comprometendo a renovação geracional no setor agrícola.
- Aumento dos custos energéticos e dificuldades de financiamento para empresas do setor agroalimentar.
- Pressão competitiva de mercados emergentes, dificultando a internacionalização dos produtos regionais.
- Desconhecimento generalizado da população, sobretudo dos mais jovens, acerca dos produtos típicos e endógenos da região, pois muitos desconhecem o seu próprio património (eg Capão de Freamunde IGP ou Carne Arouquesa DOP).

Esta análise SWOT permite identificar os principais desafios e oportunidades para o desenvolvimento sustentável da Bio-região do Tâmega e Sousa, servindo como base para estratégias de fortalecimento da economia local e valorização do território.

## 4. Missão, Visão e Valores da Bio-região do Tâmega e Sousa

A sub-região do Tâmega e Sousa apresenta características únicas que a tornam um território privilegiado para o desenvolvimento de uma Bio-Região. A sua localização estratégica, numa área de transição entre a Área Metropolitana do Porto e o interior da Região Norte, aliada à riqueza dos seus recursos naturais e à diversidade territorial, permite a coexistência harmoniosa entre zonas industriais e rurais. Além disso, a força da sua população jovem constitui um fator essencial para impulsionar um modelo de desenvolvimento sustentável e inovador.

Dando continuidade ao trabalho já realizado, reafirma-se agora a ambição de consolidar e expandir este projeto, guiado pela seguinte visão, missão e valores:

### Visão

Ser uma referência no desenvolvimento sustentável, promovendo uma parceria ativa para a ampliação da produção e do consumo de produtos biológicos e sustentáveis, incentivando uma cidadania ativa e consciente na adoção de uma alimentação saudável.

### Missão

Fomentar e comunicar a importância da produção e do consumo de alimentos sustentáveis, sensibilizando a comunidade para práticas agrícolas responsáveis e incentivando a adoção de hábitos alimentares saudáveis, com benefícios tanto para a saúde pública quanto para o meio ambiente.

### Valores

1. **Sustentabilidade** - Promoção de modelos de produção agrícola sustentáveis, que respeitem os ecossistemas e favoreçam a biodiversidade.
2. **Apoio aos Produtores** - Incentivo aos agricultores em modo de produção biológica (MPB) e aos que estão em processo de conversão para práticas mais sustentáveis.

3. **Consumo responsável** - Promoção de um fornecimento sustentável de produtos alimentares biológicos, aproximando produtores e consumidores e fortalecendo as cadeias curtas de abastecimento.
4. **Educação e Consciencialização** - Estímulo à cidadania ativa por meio da informação e do envolvimento da comunidade na construção de hábitos alimentares saudáveis e sustentáveis.

Este compromisso visa transformar o Tâmega e Sousa num exemplo de inovação e sustentabilidade, onde a produção e o consumo responsável caminham juntos para um futuro mais equilibrado e saudável.

## 5. Stakeholders a envolver na Bio-região do Tâmega e Sousa

A Comunidade Intermunicipal do Tâmega e Sousa tem vindo a trabalhar, desde 2020, na criação das condições necessárias para a constituição da Bio-região do Tâmega e Sousa e na sua integração na **Rede Internacional de Bio-Regiões (IN.N.E.R.)**. Esta iniciativa visa promover um modelo de desenvolvimento sustentável, integrando práticas agrícolas biológicas, consumo responsável, turismo ecológico e preservação ambiental, alinhando-se com os princípios das Bio-regiões reconhecidas internacionalmente.

A criação e o fortalecimento da Bio-região do Tâmega e Sousa exigem um esforço conjunto entre diversas entidades que desempenham um papel essencial na dinamização deste território. Para garantir o sucesso desta iniciativa, torna-se fundamental promover a participação ativa de todos os intervenientes, incentivando o diálogo, a cooperação e a implementação de estratégias eficazes que assegurem resultados alinhados com a visão e a missão desta Bio-região.

Dando seguimento a este compromisso, foram estruturados Grupos de Trabalho específicos, responsáveis por diferentes eixos estratégicos, com o objetivo de assegurar uma abordagem coordenada e eficiente. Segue-se a apresentação dos principais grupos, suas funções e objetivos.

### 5.1. Grupos de Trabalho e Objetivos

#### 5.1.1. Turismo

O grupo de trabalho Turismo reúne diversos agentes do setor, incluindo representantes do turismo de habitação, turismo em espaço rural (agroturismo, casa de campo, hotel rural), do alojamento local, empresas de animação turística, da restauração e museus. O objetivo central deste grupo é fortalecer a identidade turística da Bio-região do Tâmega e Sousa, promovendo um modelo de turismo sustentável que valorize os recursos naturais, culturais e gastronómicos da região.

## Objetivos específicos:

- 1. Promoção do território e valorização do património natural, histórico e cultural**
  - Desenvolver estratégias e iniciativas que realcem os ativos naturais, patrimoniais, culturais e gastronómicos do território, reforçando a atratividade turística da Bio-região.
- 2. Integração da atividade agrícola no turismo local** - Incentivar a interação entre o setor agrícola e o turismo, explorando a multifuncionalidade da atividade agrícola e os seus benefícios para a economia rural, a biodiversidade e a conservação ambiental.
- 3. Estimular o consumo de produtos biológicos e locais nos estabelecimentos turísticos** - Fomentar parcerias com estabelecimentos turísticos para que incorporem produtos biológicos e locais nas suas ofertas gastronómicas, promovendo a economia local e sensibilizando os visitantes para a importância da alimentação saudável.
- 4. Dinamizar e estruturar a oferta turística da Bio-região** - Criar roteiros e pacotes turísticos temáticos, de curta (1 dia) e média duração (3 ou 4 dias), que permitam dar a conhecer aos visitantes os principais pontos de interesse do território, incluindo experiências gastronómicas e culturais.
- 5. Capacitação dos agentes turísticos para a Bio-Região do Tâmega e Sousa** - Fornecer ferramentas e conhecimento aos profissionais do turismo para que compreendam o valor da Bio-Região, incentivando a sua participação ativa na divulgação e desenvolvimento do território enquanto destino sustentável.

### 5.1.2. Agricultura

A agricultura desempenha um papel central na Bio-região, sendo um dos principais pilares para garantir a sustentabilidade ambiental e alimentar. Este grupo de trabalho foca-se na promoção de práticas agrícolas responsáveis e na criação de incentivos para produtores biológicos.

#### **Objetivos específicos:**

- Promover modelos de produção sustentável** - Sensibilizar e incentivar os agricultores a adotarem práticas agrícolas ecológicas, destacando os benefícios ambientais e para a saúde humana.
- Apoiar produtores em modo de produção biológica (MPB) e em conversão:** Criar mecanismos de apoio financeiro e técnico para facilitar a transição dos produtores para a produção biológica, garantindo a sua viabilidade económica e produtiva.
- Promover cadeias curtas de comercialização e fornecimento sustentável** - Incentivar a comercialização dos produtos alimentares biológicos nos mercados locais e municipais, reduzindo a pegada ecológica e fortalecendo o consumo de proximidade.

#### **5.1.3. Agroalimentar**

O setor agroalimentar é fundamental para garantir a transformação e distribuição eficiente dos produtos agrícolas da Bio-região. Este grupo de trabalho atua no apoio às diferentes fases pós-produção, desde o processamento até à comercialização.

#### **Objetivos específicos:**

- Apoiar a inovação e o desenvolvimento no setor agroalimentar** - Criar incentivos para a modernização das indústrias agroalimentares, promovendo a inovação na produção, conservação e comercialização de produtos biológicos e sustentáveis.
- Fortalecer a sustentabilidade da cadeia de valor agroalimentar** - Implementar estratégias que permitam aos produtores superar desafios financeiros e logísticos, promovendo a adoção de matérias-primas sustentáveis e processos ambientalmente responsáveis.
- Expandir a comercialização de produtos biológicos locais** - Incentivar a venda direta de produtos alimentares biológicos em circuitos curtos, aumentando o seu acesso ao consumidor final e reduzindo a dependência de intermediários.

#### 5.1.4. Poder Local

Os agentes do poder local exercem funções de gestão e administração pública em níveis mais próximos da comunidade, como municípios e regiões, desempenhando um papel essencial na implementação de políticas públicas e no apoio institucional à Bio-região. Este grupo de trabalho tem como foco a mobilização das autarquias para reforçar medidas de incentivo ao desenvolvimento sustentável.

##### **Objetivos específicos:**

- 1. Apoiar a Bio-região em todas as atividades relacionadas com o arranque, gestão e organização** - contribuir para o desenvolvimento das atividades necessárias ao arranque, gestão e organização da Bio-região.
- 2. Recolher, organizar e distribuir a informação relevante relacionada com a atividade da Bio-região** - recolher informação relevante relacionada com a atividade da Bio-região e organizá-la de forma a que possa ser difundida e compreendida pelos cidadãos.
- 3. Promover o desenvolvimento em relação às partes interessadas** - auxiliar as partes interessadas a adotarem as boas práticas necessárias, de forma a poderem contribuir ativamente para o desenvolvimento da Bio-região.
- 4. Comunicação entre os membros da Bio-região** - promover um diálogo saudável entre os vários membros que integram a Bio-região.

#### 5.1.5. Alimentação Saudável

A alimentação saudável é um dos pilares da Bio-Região, promovendo hábitos alimentares equilibrados e sustentáveis. Este grupo de trabalho é constituído principalmente pelos nutricionistas municipais e das IPSS da região, e atua na educação alimentar, incentivando a adoção de dietas baseadas em produtos biológicos e de origem local.

##### **Objetivos específicos:**

- 1. Dar a conhecer aos cidadãos as melhores práticas em termos de alimentação saudável** - Realizar palestras informativas com especialistas em saúde e nutrição,

fazendo chegar aos cidadãos informação sobre os alimentos mais nutritivos e saudáveis e sobre as melhores formas de confeccionar e conservar os alimentos, procurando que estes conservem o máximo do seu valor nutricional.

2. **Sensibilizar e educar os mais novos para a alimentação saudável** - Desenvolver ações de formação, nas escolas, que alertem os mais novos para a necessidade de optarem por uma alimentação saudável em prol da sua saúde e bem-estar.
3. **Promover o consumo de produtos biológicos** - Dar a conhecer aos cidadãos o modo de produção biológico, informando-os de que os produtos de origem biológica, têm qualidade superior, obedecendo a rigorosos protocolos em termos da aplicação de fitofármacos.
4. **Dinamizar os mercados locais e disponibilizar nestes maior oferta de produtos biológicos** - Promover o consumo local e incentivar os produtores biológicos a disponibilizar os seus produtos nos mercados locais.
5. **Apoiar os agricultores que praticam o modo de produção biológico ou que estão em conversão** - Compensar de alguma forma os agricultores biológicos, de forma a que estes tenham incentivo em manter-se na atividade, e mais agricultores sejam atraídos a adoptar este modo de produção.
6. **Capacitar os agentes para a Bio-região do Tâmega e Sousa** - dotar os agentes das ferramentas necessárias para serem eles próprios vetores da mudança e com a sua ação contribuírem ativamente para o desenvolvimento da Bio-região do Tâmega e Sousa.

#### 5.1.6. Ambiente e Biodiversidade

A preservação do meio ambiente e da biodiversidade é crucial para o equilíbrio ecológico da Bio-Região. Este grupo, constituído principalmente por associações ambientais, trabalha na implementação de práticas que favoreçam a conservação dos ecossistemas locais, a proteção da fauna e flora e a redução do impacto ambiental da atividade humana.

#### **Objetivos específicos:**

- 1. Comunicar a importância da preservação do ambiente e da biodiversidade** - utilizar alguns eventos para alertar os cidadãos para a importância de cuidar do ambiente e preservar a biodiversidade.
- 2. Incentivar os agricultores locais a optarem por modos de produção mais sustentáveis, reduzindo o uso de pesticidas** - sensibilizar os agricultores locais para a utilização de modos de produção mais amigos do ambiente, que ajudem a manter a qualidade dos solos e a preservar a biodiversidade.
- 3. Apoiar os agricultores que produzem de acordo com o modo de produção biológico** - criar um sistema que permita apoiar financeiramente e tecnicamente os produtores que optem pelo modo de produção biológico, assegurando a viabilidade económica dos seus negócios.
- 4. Estimular o consumo de produtos Bio e Locais** - Dar a conhecer aos cidadãos o modo de produção biológico e a importância de consumir produtos locais, informando-os de que os produtos de origem biológica, têm qualidade superior e que os produtos locais apresentam menor pegada ecológica, pelo que representam escolhas mais amigas do ambiente.
- 5. Capacitar os agentes para a Bio-região do Tâmega e Sousa** - dotar os agentes das ferramentas necessárias para poderem contribuir ativamente para o desenvolvimento da Bio-região do Tâmega e Sousa.

#### **5.1.7. Economia Social**

O grupo de trabalho Economia Social reúne cooperativas, associações mutualistas, fundações, misericórdias e instituições particulares de solidariedade social (IPSS). O seu objetivo é desenvolver estratégias que garantam a coesão social e respondam às necessidades dos setores das entidades envolvidas.

#### **Objetivos específicos:**

- 1. Fomentar o emprego e a fixação de pessoas nas zonas rurais** - Divulgar os incentivos ao emprego rural e oportunidades profissionais que promovam a

revitalização das comunidades locais. Um dos exemplos deste tipo de incentivos foi o programa “emprego interior mais”.

2. **Apoiar a transição para comunidades sustentáveis** - Promover e incentivar a produção e consumo locais de alimentos sustentáveis, reduzindo a pegada ecológica e fortalecendo a economia rural.
3. **Apoiar os produtores em MPB e em conversão** - Criar subsídios e assistência técnica para facilitar a adaptação dos agricultores às exigências da produção biológica, garantindo apoio nas áreas de fertilização, controlo de pragas e gestão agrícola sustentável.
4. **Promover modelos de produção e consumo sustentáveis** - Sensibilizar a população para os benefícios da produção e consumo sustentáveis, tanto para o meio ambiente como para a saúde pública.
5. **Fortalecer a comercialização de produtos biológicos** - Expandir a presença de produtos biológicos nos mercados municipais e locais, criando redes de distribuição que beneficiem produtores e consumidores.

### 5.1.8. Sociedade Civil

A sociedade civil desempenha um papel determinante na consolidação da Bio-região do Tâmega e Sousa. O envolvimento dos cidadãos, associações, confrarias, agrupamentos de escolas e organizações comunitárias é essencial para a promoção de um modelo de desenvolvimento sustentável, onde a preservação ambiental e a valorização dos recursos locais caminham lado a lado.

#### Objetivos específicos:

1. **Educação e sensibilização ambiental** - A promoção do conhecimento e da consciência ecológica é essencial para transformar hábitos e garantir um futuro mais sustentável.
2. **Valorização das condições e cultura local** - O respeito pelos saberes tradicionais fortalece a identidade regional e impulsiona práticas sustentáveis.

3. **Promoção de estilos de vida saudáveis** - A adoção de uma alimentação equilibrada, baseada em produtos locais e biológicos, contribui para o bem estar da população e para a economia sustentável.
4. **Ligaçāo com a comunidade e desenvolvimento local** - O fortalecimento das redes de cooperação entre cidadãos, produtores e entidades regionais gera impacto positivo no território e promove uma economia justa e mais resiliente.

#### **5.1.9. Comissão Oficial de Promoção da Bio-região do Tāmega e Sousa**

A implementação e consolidação da Bio-região do Tāmega e Sousa exigem um suporte contínuo em todas as fases do processo, desde o arranque até à gestão e organização da iniciativa. Este apoio deve abranger o desenvolvimento da estrutura organizacional, a definição de estratégias de planeamento, a monitorização do desempenho e a articulação com políticas públicas e privadas, garantindo uma abordagem integrada e eficaz.

A **Comissão Oficial de Promoção da Bio-Região do Tāmega e Sousa** tem como objetivo acompanhar de forma próxima e representativa os trabalhos em curso, funcionando como estrutura de validação e concertação estratégica durante a fase de elaboração do Plano de Ação e do Regulamento Interno da Bio-Região.

A sua atuação permite garantir o alinhamento entre as várias dimensões temáticas trabalhadas, promovendo a coerência das propostas e assegurando a participação ativa dos principais setores envolvidos. Esta estrutura assume, assim, um papel central na governação participativa da Bio-região, funcionando como instância de diálogo, articulação e acompanhamento estratégico.

A criação da Bio-Região do Tāmega e Sousa representa um compromisso conjunto entre os diferentes setores da sociedade, visando a construção de um território mais sustentável, equilibrado e resiliente. Através do trabalho colaborativo destes grupos, será possível transformar esta região num modelo de referência para a produção biológica, o consumo responsável e a valorização dos recursos naturais e culturais.

## 6. Estratégia da Bio-região do Tâmega e Sousa

A estratégia da Bio-região do Tâmega e Sousa assenta num compromisso com a sustentabilidade, a valorização dos recursos locais e o envolvimento da comunidade na adoção de hábitos alimentares mais saudáveis. Para alcançar estes objetivos, são delineadas várias linhas de ação fundamentais:

### **Promoção da participação da comunidade no consumo de alimentos saudáveis e incentivo à produção sustentável**

A criação de uma Bio-região requer a participação ativa da comunidade, incentivando não apenas o consumo de alimentos saudáveis, mas também o aumento da produção em sistemas agroecológicos. Para isso, serão desenvolvidas campanhas educativas e programas de incentivo ao consumo responsável, promovendo produtos locais e biológicos como elementos essenciais para uma alimentação saudável, equilibrada e sustentável.

### **Fortalecimento dos mercados locais e da economia de proximidade**

Os mercados locais desempenham um papel essencial na valorização dos produtos regionais e na dinamização da economia local. Assim, investir na melhoria das infraestruturas destes mercados é fundamental para garantir condições adequadas tanto para vendedores quanto para consumidores. A criação de espaços mais atrativos e organizados pode contribuir para um aumento da afluência, incentivando a população a realizar as suas compras no comercial de proximidade e reduzindo a dependência de grandes cadeias de distribuição.

### **Educação e sensibilização ambiental para crianças, jovens e cidadãos**

A consciencialização ambiental é um pilar essencial para garantir o sucesso e a continuidade da Bio-região. Através de ações educativas em escolas, eventos públicos e campanhas de sensibilização, pretende-se incutir nos cidadãos, desde a infância, a importância da preservação ambiental, do consumo sustentável e do respeito pelos recursos naturais. Desta forma, pretende-se incentivar a utilização de modos de produção sustentáveis, que assegurem o respeito pela qualidade dos solos e pela

manutenção da biodiversidade, e simultaneamente incentivar o consumo de produtos biológicos.

### **Preservação e valorização das tradições e produtos locais**

O património cultural e gastronómico do Tâmega e Sousa é um dos seus maiores ativos. A preservação dos saberes ancestrais, das técnicas tradicionais de produção e dos produtos regionais será promovida através da realização de feiras, mercados temáticos e certames que celebrem a identidade local. Paralelamente, serão incentivadas iniciativas que aliam tradição e inovação, garantindo a continuidade e adaptação destes saberes às exigências do presente e do futuro.

### **Promoção da qualidade dos alimentos e do impacto positivo da produção local na saúde e na coesão territorial**

A transparência na produção e comercialização dos alimentos é essencial para reforçar a confiança dos consumidores e assegurar elevados padrões de qualidade e segurança alimentar. A estratégia da Bio-Região inclui a valorização das certificações de qualidade, a implementação de boas práticas de produção e a divulgação da importância dos alimentos locais para a saúde e o bem-estar da população. Além disso, comunicar de forma eficaz os benefícios nutricionais e ambientais dos produtos regionais pode contribuir para um maior reconhecimento e procura, fortalecendo assim a coesão social e económica do território.

## 7. Objetivos (SMART) da Bio-região do Tâmega e Sousa

### **Promover o aumento da Superfície de Produção Biológica na região**

Fomentar a expansão da agricultura biológica, através da mobilização de produtores, da sensibilização para as vantagens do Modo de Produção Biológico (MBP) e do apoio técnico e formativo contínuo, garantindo condições para que mais agricultores adotem práticas sustentáveis. Disponibilizar sessões de esclarecimentos relativamente aos processos de certificação biológica e prestar apoio técnico aos produtores que queiram fazer a transição para o modo de produção biológico.

### **Melhorar a qualidade de vida das populações residentes em meio rural**

Contribuir para a valorização das zonas rurais através da dinamização de serviços de proximidade, da criação de novas oportunidades económicas, da valorização da cultura local e da melhoria das condições de bem-estar, combatendo a desertificação e incentivando a fixação da população.

### **Reforçar o poder de atração das zonas rurais e da sua articulação com os espaços urbanos**

Promover políticas de desenvolvimento que posicionem o meio rural como alternativa de qualidade de vida, articulando com centros urbanos e criando soluções para habitação, emprego, mobilidade e alimentação sustentável.

### **Estimular a criação de emprego e a melhoria das condições laborais nas zonas rurais**

Incentivar práticas de empreendedorismo sustentável e qualificação profissional, promovendo melhores condições de trabalho e reforçando a atratividade do setor agroalimentar e de outras atividades económicas verdes.

### **Envolver ativamente os jovens na transição ecológica da região**

Fomentar a participação da juventude em iniciativas que valorizem a sustentabilidade, a agricultura biológica, o consumo responsável e o património natural, reforçando a educação ambiental e a ligação intergeracional.

### **Potenciar a cooperação europeia e internacional das zonas rurais**

Integrar a Bio-Região do Tâmega e Sousa em redes de cooperação interterritorial, partilhando experiências com outras Bio-Regiões e reforçando a projeção externa das boas práticas desenvolvidas na região.

## 8. Plano de Ação 2024 – 2029 (atividades, metas SMART e cronograma) da Bio-região do Tâmega e Sousa

O presente Plano de Ação tem como objetivo dar continuidade ao processo de construção e consolidação da Bio-Região do Tâmega e Sousa, promovendo um desenvolvimento sustentável e integrado do setor agroalimentar e valorizando o seu capital natural, social e económico.

A Comunidade Intermunicipal do Tâmega e Sousa (CIM-TS), enquanto entidade que representa e articula os 11 municípios da sub-região, desempenha um papel estratégico na criação das condições necessárias para o crescimento sustentável deste setor. A sua atuação é fundamental na definição e implementação de uma estratégia regional estruturada, capaz de fortalecer a produção agroalimentar, valorizar os recursos endógenos e promover a competitividade dos produtos locais nos mercados nacional e internacional.

Este plano resulta de um processo participado e colaborativo, desenvolvido ao longo de várias sessões de trabalho com os Grupos de Trabalho temáticos da Bio-Região do Tâmega e Sousa, que integram representantes de entidades do setor agroalimentar, do poder local, do turismo, da sociedade civil, da economia social, da educação, da saúde e da área ambiental. Estas entidades participaram ativamente na identificação dos principais desafios, oportunidades e prioridades de intervenção para o território.

A CIM Tâmega e Sousa, enquanto entidade coordenadora do processo, e a Comissão Oficial de Promoção da Bio-Região, acompanharam e validaram os trabalhos desenvolvidos, garantindo a coerência com os objetivos estratégicos e assegurando a articulação com as políticas públicas e iniciativas regionais em curso.

Assim, o Plano de Ação assenta numa abordagem multissetorial e integrada, agregando iniciativas transversais que criem um ambiente favorável ao crescimento sustentável das principais atividades agroalimentares da região.

Deverá desenvolver-se ações específicas para otimizar a produção, aumentar a visibilidade e potenciar a competitividade no mercado. O sucesso desta estratégia dependerá da cooperação entre todos os intervenientes, garantindo um compromisso conjunto para consolidar o Tâmega e Sousa como uma Bio-Região de referência.

Para facilitar a execução e a monitorização, o Plano de Ação estrutura-se em torno de Grupos de Trabalho, com responsabilidades nas áreas estratégicas definidas no diagnóstico. Estes grupos contribuíram com a sua visão técnica e territorial para a identificação de prioridades e desafios, num processo participado que envolveu ainda a CIM Tâmega e Sousa e a Comissão Oficial de Promoção da Bio-Região.

Com base neste processo colaborativo, foi definido um conjunto integrado de ações, metas SMART e um cronograma indicativo, transversais aos diversos grupos, alinhados com os objetivos globais da Bio-Região. Esta abordagem garante uma execução coordenada, adaptável e orientada para resultados concretos no território.

As ações definidas para o período 2025-2029, no âmbito da consolidação da Bio-Região do Tâmega e Sousa, estão organizadas em torno de três pilares estratégicos de atuação, que refletem os principais eixos de transformação desejados para o território. Estes pilares estruturam a intervenção, assegurando a coerência entre as atividades a desenvolver e os objetivos da Bio-Região:

**Pilar I – Comunicação de Hábitos Saudáveis:** Este pilar visa despertar e mobilizar a comunidade para os princípios e objetivos da Bio-Região, promovendo uma mudança de comportamentos e o reforço da consciência coletiva em torno da sustentabilidade, da alimentação saudável e da valorização do território. Serão desenvolvidas campanhas de sensibilização, ações de educação ambiental, atividades formativas e eventos de proximidade que permitam envolver os cidadãos, as escolas, os profissionais de saúde e os agentes económicos na adoção de estilos de vida mais saudáveis e sustentáveis.

**Pilar II – Produção Sustentável e Resiliente:** A promoção de uma produção agrícola sustentável, saudável e biodiversa é essencial para garantir a viabilidade da Bio-Região a longo prazo. Este pilar integra ações destinadas a estimular a transição agroecológica, com destaque para o apoio à conversão de explorações agropecuárias para o Modo de

Produção Biológico (MPB), o aumento da área em MPB no território e a criação de condições favoráveis à inovação e à resiliência do setor produtivo. Estão também previstas iniciativas que promovam o trabalho em rede entre produtores, potenciando sinergias, partilha de conhecimento e criação de economias de escala.

**Pilar III – Consumo Saudável:** Este pilar tem como foco o estímulo ao consumo de produtos locais e biológicos, em particular os provenientes da região do Tâmega e Sousa. Pretende-se reforçar o papel dos circuitos curtos de comercialização, aproximando produtores e consumidores, e fomentar a integração dos produtos da Bio-Região em diferentes contextos de consumo – desde os mercados locais, até à restauração, cantinas públicas e setor do turismo. Ao valorizar o consumo consciente e de proximidade, promove-se simultaneamente o desenvolvimento económico local e a redução da pegada ecológica.

De seguida, apresentam-se as várias ações organizadas por estes três pilares estratégicos, definindo metas específicas e um cronograma indicativo para o período de implementação.

Tabela 18 - Ações, Cronograma e Resultados Esperados

Ações prioritárias	Objetivos	Público Alvo	Resultados esperados	Cronograma				
				2025	2026	2027	2028	2029
Dinamização da Bio-região do Tâmega e Sousa	Gestão e organização da Bio-região	-	2 reuniões por ano					
	Definição e proposta de atividades a desenvolver no âmbito da Bio-região do Tâmega e Sousa	-	9 reuniões por ano					
Organização de sessões públicas	Comunicar o referencial estratégico da Bio-região do Tâmega e Sousa	Comunidade em geral	3 sessões públicas 45 participantes no total					
Campanha de comunicação nas redes sociais	Sensibilizar a comunidade para a Bio-região do Tâmega e Sousa	Comunidade em geral	Publicação quinzenal de conteúdos e partilha nas					

Ações prioritárias	Objetivos	Público Alvo	Resultados esperados	Cronograma				
				2025	2026	2027	2028	2029
Campanha de marketing digital “Produzir e consumir no Tâmega e Sousa	Sensibilizar a comunidade	Comunidade em geral	plataformas de todos os municípios					
Elaboração de Plano de Comunicação e temáticas a incluir nos conteúdos	Sensibilizar a comunidade	Comunidade em geral						
Organização de workshops técnicos	Capacitação e sensibilização para conversão em MPB	Produtores agropecuários	2 workshops por ano 20 participantes					
Organização de ações de intercâmbio entre produtores	Capacitação e sensibilização dos operadores	Operadores do território (agricultores, agroturismo, entre outros)	2 visitas de estudo por ano 40 participante total					

Ações prioritárias	Objetivos	Público Alvo	Resultados esperados	Cronograma				
				2025	2026	2027	2028	2029
Eliminação da aplicação de glifosato nos espaços públicos	Sensibilizar a comunidade para as questões do ambiente e da biodiversidade	Comunidade em geral	Adesão de todos os municípios					
Replicação de ações promovidas por alguns municípios para a promoção da biodiversidade	Sensibilizar a comunidade para ações de promoção de biodiversidade	Comunidade em geral	Adesão de todos os municípios					
Elaborar uma refeição mensal Km 0 + comunicação	Promoção da produção local Sensibilização da comunidade para a produção local	Comunidade escolar	Adesão de municípios do território					

Ações prioritárias	Objetivos	Público Alvo	Resultados esperados	Cronograma				
				2025	2026	2027	2028	2029
Disponibilização de espaço gratuito nos mercados municipais para produtores BIO e produtores locais (agricultura familiar / tradicional)	Promoção da produção local Sensibilização da comunidade para o consumo de produtos locais	Comunidade em geral	Adesão de todos os Municípios Aumento do nº de produtores nos mercados municipais do território (20 produtores)					
Divulgação da Bio-região do Tâmega e Sousa em eventos / feiras onde participa a CIM TS	Promoção da Bio-região do Tâmega e Sousa	Comunidade em geral	4 eventos por ano					

## 8.1. Metas a alcançar com a implementação do Plano de Ação 2025-2029

A implementação do Plano de Ação da Bio-Região do Tâmega e Sousa para o período 2025-2029 visa promover uma transformação progressiva, sustentável e articulada do território, com o impacto ao nível ambiental, económico e social.

Tendo em conta que a execução das ações está prevista para iniciar-se apenas a meio do ano de 2025, é expectável que os resultados desse primeiro correspondam, de forma proporcional, a cerca de **50% das metas anuais previstas**. Esta estimativa decorre de uma calendarização realista e da necessária mobilização faseada dos diversos atores envolvidos. Ainda assim, o arranque das iniciativas será determinante para lançar as bases da mudança estrutural desejada, com impactos já visíveis no segundo semestre de 2025.

Até ao final do período de implementação (2029), o Plano de Ação ambiciona atingir os seguintes resultados:

- **Aumento da área de produção biológica em 25%**, refletindo a adesão progressiva ao Modo de Produção Biológico (MPB) e o reconhecimento da região como referência nacional na agricultura sustentável;
- **Crescimento de 10% no número de produtores em MPB**, resultado do trabalho de capacitação, sensibilização e apoio técnico prestado aos agricultores;
- **Dinamização de circuitos curtos de comercialização**, promovendo uma ligação mais direta entre produtores e consumidores e reduzindo a pegada ecológica;
- **Maior visibilidade da Bio-Região enquanto território de excelência alimentar**, através da valorização do património agrícola, alimentar e ambiental do Tâmega e Sousa;

Estas metas foram definidas com base num processo participado e numa leitura estratégica dos desafios e oportunidades do território, representando um compromisso coletivo com a transição ecológica e o desenvolvimento sustentável do Tâmega e Sousa.

## 9. Modelo de Governação da Bio-região do Tâmega e Sousa

A governação da Bio-Região do Tâmega e Sousa será estruturada com base num **modelo participativo**, promovendo a representação equilibrada dos agentes do território – municípios, produtores, empresas, associações, setor social, educativo e sociedade civil – e assegurando a execução coordenada das estratégias de desenvolvimento sustentável, alinhadas com os princípios da produção biológica, da economia circular e da valorização do capital natural e cultural da região.

### 9.1. Estrutura de Coordenação e Gestão

A estrutura de governação será composta por quatro níveis complementares:

#### 9.1.1 Conselho de Parceiros

O Conselho de Parceiros assegurará a dinamização, execução, gestão, monitorização e avaliação da Estratégia de Desenvolvimento da Bio-região, de forma eficiente e transparente. Será ainda responsável pela aprovação dos relatórios técnicos e de progresso e pela eleição dos membros da Comissão Executiva e do Conselho Consultivo.

#### 9.1.2 Comissão Executiva

A Comissão Executiva será responsável pela gestão técnica, administrativa e financeira da Bio-região do Tâmega e Sousa, e pela coordenação da Bio-Região, assegurando a operacionalização do Plano de Ação, a articulação entre parceiros e a comunicação institucional da Bio-Região. Cabe-lhe ainda a gestão das plataformas digitais, e a mobilização de recursos e financiamentos que permitam dar continuidade à iniciativa.

### 9.1.3. Conselho Consultivo

O Conselho Consultivo será responsável por analisar as recomendações sobre as ações anuais a propor para o ano seguinte e sobre as ações realizadas no ano anterior, antes da Estratégia de Desenvolvimento da Bio-região ser submetida ao Conselho de Parceria. Este Conselho terá ainda como missão a aprovação dos relatórios de avaliação externa e interna, e a emissão de parecer sobre as questões que lhes forem colocadas pelos demais órgãos da Bio Região do Tâmega e Sousa, em especial da Comissão Executiva.

### 9.1.4. Grupos de Trabalho Temáticos

Constituídos por representantes dos principais setores estratégicos – Agricultura, Turismo, Poder Local, Alimentação Saudável, Ambiente e Biodiversidade, Agroalimentar, Economia Social e Sociedade Civil – estes Grupos de Trabalho têm um papel fundamental na partilha de conhecimento, na identificação de oportunidades e constrangimentos, e no apoio técnico à execução das ações.

Cada grupo reflete os interesses e saberes específicos do setor que representa, e contribui para a adequação das estratégias às realidades do território. Os Grupos de Trabalho promovem ainda a cooperação entre os vários agentes locais e o acompanhamento das dinâmicas comunitárias.

## 9.2. Princípios de Governação

A atuação da Bio-Região será norteada pelos seguintes princípios:

1. **Participação e Cooperação** – Envolvimento ativo de todos os agentes do território na construção de soluções conjuntas.
2. **Sustentabilidade e Inovação** – Promoção de modelos de produção e consumo ambientalmente sustentáveis e socialmente responsáveis.
3. **Transparência e Monitorização** – Estabelecimento de indicadores claros de desempenho e sistemas de avaliação contínua.

4. **Valorização dos Recursos Locais** – Estratégias que reforcem a identidade territorial e a competitividade das fileiras agroalimentares e culturais.

### 9.3. Monitorização e Avaliação do Modelo de Governação

A avaliação do desempenho da Bio-Região será feita com base num sistema estruturado de monitorização, que incluirá:

1. **Indicadores de Sustentabilidade e Impacto:** Como a evolução da produção em Modo de Produção Biológico (MPB), a adesão de consumidores e produtores, a pegada ecológica, entre outros.
2. **Relatórios Periódicos:** Elaboração de relatórios de progresso, balanços anuais e proposta de ajustes sempre que necessário.
3. **Fóruns de Discussão e Encontros Participativos:** Envolvimento da comunidade e dos parceiros em momentos de reflexão coletiva, troca de experiências e definição de prioridades futuras.

O presente modelo de governação encontra-se integralmente alinhado com o Regulamento da Parceria da Bio-Região do Tâmega e Sousa, documento aprovado pelas entidades signatárias da parceria e que estabelece as responsabilidades, princípios de atuação e mecanismos de coordenação entre os diferentes agentes envolvidos.

Com esta estrutura de governação, a **Bio-Região do Tâmega e Sousa** pretende afirmar-se como um modelo de referência na sustentabilidade agroalimentar e no desenvolvimento regional, promovendo um território mais equilibrado, resiliente e dinâmico.

## 10. Conclusão

A criação e consolidação da **Bio-Região do Tâmega e Sousa** representam um compromisso coletivo para um modelo de desenvolvimento sustentável, inclusivo e inovador, alinhado com as políticas europeias e nacionais para a transição ecológica. Através deste Plano Estratégico e respetivo Plano de Ação, pretende-se promover práticas agroalimentares sustentáveis, valorizar os recursos endógenos e estimular o dinamismo económico e social do território.

A estrutura de governação proposta, assente na **Comissão Oficial de Promoção da Bio-Região**, nos **Grupos de Trabalho temáticos** e numa abordagem participativa multissetorial, permitirá assegurar a coordenação estratégica, o acompanhamento técnico e o envolvimento efetivo de todos os agentes relevantes — desde o poder local, passando pelos produtores, entidades da economia social, sociedade civil, turismo e educação.

As ações definidas, estruturadas em torno de metas SMART e distribuídas ao longo de um cronograma de execução claro, refletem o resultado de um processo participado e articulado entre os diversos intervenientes da região. Este plano visa não só o reforço da agricultura biológica e dos circuitos curtos, mas também o estímulo ao consumo responsável, a preservação da biodiversidade, o desenvolvimento do turismo sustentável e a promoção de uma cultura de bem-estar alimentar.

Com um modelo de monitorização contínua e ajustável, baseado em indicadores de sustentabilidade, relatórios periódicos e fóruns de diálogo, a Bio-Região do Tâmega e Sousa posiciona-se como um exemplo de referência no contexto nacional e europeu. Trata-se de um verdadeiro ecossistema colaborativo que, ao integrar tradição e inovação, tem o potencial de gerar impactos significativos a nível económico, ambiental e social, reforçando a coesão territorial e projetando a região no cenário das bio-regiões de excelência.

